

Revista Appai

# EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

Mala Direta Postal  
Básica

9912341218/13/DR-RJ  
APPAI

... CORREIOS ...

a igualdade  
~~CADÊ O RATO~~ QUE  
ESTAVA AQUI?  
O gato comeu!

Entenda como falar de igualdade social para crianças que cada vez menos interagem, por acreditarem que podem encontrar tudo na tela do computador



Nessa edição vamos saber mais sobre os afixos, essas partículas que, acrescentadas a um radical, ajudam a criar palavras novas

Professor, saiba como fazer a sua turma perder o medo dos conteúdos de Física ministrados em sala de aula



Opinião

## O que nos une

Priscila de Albuquerque Lima Gaia

Outro dia, ao sair da unidade escolar onde trabalho, após um dia repleto de conflitos de todos os tipos possíveis, me peguei olhando meus colegas e me perguntando o que nos une em meio a essa atividade tantas vezes desgastante e desencorajadora. Onde encontramos ousadia para recomeçar e nos reinventar tantas vezes em nossa prática profissional?

Superamos os obstáculos, que são muitos e constantes, com muito esforço e criatividade, para darmos aos alunos todas as condições de desenvolver suas habilidades, fazendo quase o impossível para que todos possam ter uma educação de qualidade.

Enquanto professores, lidamos com vidas em formação, em construção, vidas que podem ser estimuladas e incentivadas a prosseguir, conquistando seus objetivos, ou que correm o risco de serem destruídas pela falta de oportunidades. Quantas vezes descobrimos potenciais inimagináveis onde menos esperávamos! Muitas vezes apenas por nos propormos a olhar com mais atenção e carinho.

**“Optamos por esse trabalho, escolhemos acreditar que é possível, que podemos fazer a diferença, que pequenas ações podem influir positivamente na história de muitos alunos”**

Temos muitas críticas ao sistema, e todos mantemos opiniões sobre os problemas que enfrentamos repetidamente todos os dias. Poderíamos escolher qualquer outra profissão, um emprego burocrático que apenas pagasse nossas contas, mas isso certamente não nos faria mais felizes.

Porque o que nos une, além da convivência de todos os dias, além das histórias e experiências, boas e ruins, da luta por melhores condições de trabalho, é nossa escolha. Optamos por esse trabalho, escolhemos acreditar que é possível, que podemos fazer a diferença, que pequenas ações podem influir positivamente na história de muitos alunos, e pouco a pouco, de história em história, juntos, podemos transformar nossa realidade.

Governos e ideologias passam, mas a educação sempre será o passaporte para um mundo melhor.

---

Priscila de Albuquerque Lima Gaia é escritora de livros infantis, especialista em Alfabetização e Letramento, graduada em Serviço Social e professora da Rede Municipal de Educação.

**EXPE  
DIEN  
TE**

**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalista Editora**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M.T. RJ 22685JP)

**Assistente de editorial**  
Jéssica Almeida e Richard Günter

**Colaboração:**  
Marcela Figueiredo, Tony Carvalho e  
Sandra Martins

**Fotografia**  
Marcelo Ávila

**Direção de Arte**  
Marcel Schocair Costa

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira

**Assistente de Designer Gráfico**  
Yasmin Gundin

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade e tiragem**  
Bimestral – 78.000 (setenta e oito mil)

**Impressão e distribuição**  
Edigráfica – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a  
redação da Revista Appai Educar:**

End.: Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

E-mail: [jornaleducar@appai.org.br](mailto:jornaleducar@appai.org.br)  
[redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)

[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

Tel.: (21) 3983-3200

• Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



## Educação para a democracia

Aline Regina Cardozo de Brito

Pensemos simplesmente em democracia como forma de liberdade e em todas as liberdades às quais o povo tem direito; a de expressão, a de ir e vir etc. Em seu “Educação é um direito”, Anísio Teixeira pontua que as liberdades estão todas interconectadas à educação: sendo esta, então, requisito fundamental para formar a inteligência tornando o sujeito consciente da sua participação social.

O chão da escola e o que se encontra dentro dos muros desta instituição ainda é o lugar exclusivamente ocupado pelo ato de educar, todos que lá estão trabalham com e para a educação direta ou indiretamente. Vale lembrar que educar vem do latim educere (conduzir para fora), logo é a escola que ainda prepara o indivíduo “para fora”, ou seja, para o mundo – dando aos alunos condições de se tornarem atores críticos dentro de suas comunidades, de alcançarem algum nível de letramento político enquanto cidadãos e de, constantemente, se perceberem no papel do outro com o objetivo de entenderem e tolerarem as diferenças.

**O objetivo de educar de maneira democrática é isentar-nos de uma série de “pré-conceitos” buscando (re)criar um mundo mais digno e análogo com intuito de enfraquecer um sistema que vem por décadas dizimando a educação pública igualitária.**

Assim, claramente, as práticas educativas devem ser fundamentadas em valores como o bem comum e a justiça social, que criarão uma nação cada vez mais antiautoritária e livre (independente de classe, religião e etnia) cujo fim é, de fato, permitir que o povo exerça sua soberania. O objetivo de educar de maneira democrática é isentar-nos de uma série de “pré-conceitos” buscando (re)criar um mundo mais digno e análogo com intuito de enfraquecer um sistema que vem por décadas dizimando a educação pública igualitária. Todavia, colocar esta educação em prática requer tempo, trabalho e boa vontade.

Onde está nossa capacidade de espanto e indignação? Questionaria Boaventura Sousa Santos, defensor da pedagogia do conflito, diante do apartheid global/nacional vivido atualmente. É improtelável um projeto educativo emancipatório para repensar a escola, recuperar a vontade de mudar e, principalmente, libertar. E a verdade é que, para avançar, o professor tem que encarar a luta! Tem que correr o risco! Boaventura defende ainda que não existem opções pre-determinadas pois

“a pedagogia do conflito é uma pedagogia de alto risco contra o qual não há apólices de seguro. (...) a luta é desigual entre uma forma de conhecimento dominante – o conhecimento-como-regulação – e uma forma de conhecimento dominada, marginalizada, suprimida – o conhecimento-como-emancipação (...) O reconhecimento desta assimetria é, contudo, constitutiva da experiência pedagógica e a partir dele podem-se imaginar estratégias para reduzir, no campo pedagógico, essa assimetria. Trata-se de inventar exercícios retrospectivos e exercícios prospectivos que nos permitam imaginar o campo de possibilidades que seria aberto a nossa subjetividade e nossa sociabilidade (...)”. (SANTOS, 1996, p.25).

Ao tomar como base esta descrição do autor lusitano, existe a possibilidade de desenvolvermos inúmeras potencialidades em nossas práticas pedagógicas. O primeiro passo é a leitura feita através do olhar discendente: pode parecer lugar-comum, mas muitos profissionais da educação, ainda hoje, entendem que o bom aluno é aquele que se assemelha, em inteligência e comportamento, aos privilegiados dos ditos bons colégios frequentados pelas classes dominantes.

Esquecem os mestres que o público mais necessário é justamente aquele, em sua maioria, alocado nas salas de aula das escolas públicas. É através da cultura que estes aprendentes carregam, da valorização de seu background e de muita conversa que conseguiremos fazer com que eles se entendam como parte da sociedade e queiram dela efetivamente participar. Trabalhar se propondo a ouvi-los já é uma excelente forma de ensino – desenvolver sua capacidade de pesquisa e fala crítica enquanto, por trás dos bastidores, eles vão se tornando autores de suas próprias histórias. Uma alternativa viável seria, por exemplo, fazer uso do cinema e do bate-papo na escola. E que essas discussões possam enaltecer o potencial desses estudantes que frequentam os espaços públicos de aprendizagem.

Obviamente, nada é fácil. As práticas pedagógicas estão obviamente carregadas de pontos negativos, pois nosso trabalho está atravessado pelos problemas sociais atuais. Violência, descaso, desinteresse, falta de material, falta de tecnologia, falta de ar-condicionado etc. Os anos letivos são sempre carregados de faltas. Isso, muitas vezes, contamina e deteriora a nossa prática e nem percebemos. Esta é a razão pela qual devemos repensar essas práticas concomitantemente com a ideia do que seria a educação ideal para aquele determinado público. E, a partir disso, melhorarmos o processo de ensino-aprendizagem nas salas de aula, sempre evocando uma das máximas freireanas: a docência, sem discência, não existe.

É o bom relacionamento docente-discente que facilita o processo ensino-aprendizagem. Paulo Freire também considerava que a criação cultural não é individualizada, mas sim um processo coletivo, que é justamente a alma da escola – é aprender a trabalhar com o outro, a respeitar a instituição pública como sua ao invés de maldizê-la, a ouvir a opinião dos variados sujeitos mesmo que dela discorde, a entender a organização mundial de forma crítica para poder viver melhor em busca de seus direitos, é aprender a tolerar a diferença daqueles que partilham o mesmo espaço, dentre tantas outras questões importantes.

Aproveitando o ano eleitoral como pano de fundo, destaca-se a necessidade de relembrar (quaisquer que sejam as disciplinas com as quais atuemos) que

cidadão não é só aquele que vota, mas, sim, aquele que participa. Dialogar com os alunos do ensino médio e levá-los a perceber a importância de sua participação e acompanhamento da vida política do país é fundamental para o início de uma transformação democrática. É como se tentássemos inverter o jogo desta cultura nacional onde as pessoas se classificam como seres “apolíticos”; porém sabe-se que isso é impossível uma vez que fazemos política até quando decidimos não participar.

**“Dialogar com os alunos do ensino médio e levá-los a perceber a importância de sua participação e acompanhamento da vida política do país é fundamental para o início de uma transformação democrática.”**

A política é uma forma de pertencer e estar presente no mundo, cooperando e transformando a ordem social. A coisa pública é de todos! Um caminho simples, que pode ser feito por qualquer professor, é usar uma cidade como um micromodelo. Tomemos somente o município do Rio de Janeiro como exemplo: o que é a câmara dos vereadores? Como ela funciona? Que canais posso utilizar para saber quem são os vereadores e quais são os projetos da

câmara? Depois, aumenta-se a dimensão: assembleia legislativa, câmara dos deputados e outros órgãos, sempre incentivando a discussão.

De acordo com Robert Dahl, teórico da democracia, é pressuposto básico que todos os cidadãos são iguais e devem participar das decisões sobre o que é público. Eleições livres e liberdade de expressão são essenciais para uma democracia e, para lutar por isso, precisamos de alunos críticos que percebam as camadas políticas que envolvem o país. A escola pública também tem condições e deve mostrar caminhos aos seus estudantes, para que haja luta pelos direitos dentro da sociedade/comunidade em que estes corpos se inserem, cumprindo suas obrigações perante seu país e o mundo, além de exigir um modelo político satisfatório e respeitoso perante a população brasileira.

Finalmente, é este processo que faz surgir em cada um a busca pela melhoria social coletiva e, no que tange aos horrores e discrepâncias das sociedades atuais, não é mais possível um educar que não seja para a democracia.

---

Aline Regina Cardozo de Brito é Professora especialista Seeduc e SME/RJ.

# OS AFIXOS NA FORMAÇÃO DE IDEIAS E PALAVRAS

Por Sandro Gomes\*



Nessa edição vamos conhecer um pouco mais sobre os afixos, essas partículas que, acrescidas a um radical, ajudam a criar palavras novas. Para desenvolver o assunto é importante conhecer os morfemas, que são as menores unidades presentes numa língua, e que trazem consigo sentidos. Vejamos o exemplo da palavra *par*.

**Par:** conjunto de duas coisas semelhantes, de natureza parecida, com algo em comum.

**Emparelhar:** ficar ao lado ou de par em par.

**Paridade:** qualidade daquilo que é par, semelhança, igualdade.

**Ficar a par de:** dispor de informação igual à de outra pessoa.

Nos exemplos acima vimos que o morfema *par* aparece de várias formas. Em todos esses casos a sua presença evoca sempre os mesmos significados. Unidos aos afixos, os morfemas dão origem a ideias e palavras novas. Vejamos então alguns casos.

## Prefixo

Acontece quando o afixo antecede a palavra que serve de base, configurando a chamada derivação prefixal. Repare que cada prefixo traz o seu significado próprio.

**Deselegante** – o contrário de (*des*) elegante. / **Imoral** – que nega ou contraria (*i, in* ou *im*) uma moral. / **Reconstruir** – ato de novamente, mais uma vez (*re*), construir alguma coisa.

## Sufixo

Quando o afixo aparece no final da palavra base ocorre a chamada derivação sufixal. Veja alguns exemplos com seus significados específicos.

**Ramagem** – conjunto de ramos de um vegetal ou árvore. / **Carpintaria** – ofício, atividade ou profissão do carpinteiro, de quem carpintea. / **Lentamente** – de forma ou maneira lenta.

## Infixo

Nesse caso o afixo entra no meio da palavra. Pode-se tratar de vogal ou consoante, que realiza a função de ligação, seja entre duas raízes ou entre uma raiz e outro afixo. Diferentemente do sufixo e do prefixo, os infixos não têm significação própria e sua função é basicamente a de facilitar a pronúncia das palavras. Acompanhe.

**Cafeteira** – a consoante *t* faz ligação entre a raiz *café* e o sufixo *-eira*.

**Capinzal** – a consoante *n* substitui a consoante *m* da palavra *capim*, e a consoante *z* serve de intermediária entre o radical e o sufixo *-al*.

## Derivação parassintética

É o caso das palavras que são formadas pela presença ao mesmo tempo de um prefixo e um sufixo em torno de uma raiz. Observe os exemplos.

**Aclamação:** *a* (representando a preposição latina *ad*, que quer dizer “em direção a”, aproximação etc.) + *clam-* (radical) + *-ação* (sufixo de substantivação)

**Desmerecimento:** *Des* (prefixo que indica contrariedade) + *merec-* (radical) + *i* (alteração da vogal temática *e*) + *-mento* (formador de substantivos verbais, isto é, que se formam a partir de verbos).

Amigos, sobre afixos é isso. Lembrando que se trata de um tema bem vasto, que está longe de ter sido esgotado aqui. Pra dominar o assunto, só com estudo de muitos casos de formação de palavras. Você se aventura? Até a próxima, pessoal!

---

\*Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Colunista da Appai, Escritor e Mestre em Literatura Brasileira.

# O IBGE COMO INS DE PESQUISA

---

Saiba como utilizar o *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para elaborar pesquisas entre a garotada

**V**ocê sabia que atividades em áreas como Alfabetização, Matemática e Língua Portuguesa podem ser trabalhadas através das informações colhidas pelo IBGE? O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) lançou o *site* Nomes no Brasil, que reúne informações sobre o registro de cerca de 200 milhões de brasileiros e permite pesquisar os dados do Censo Demográfico de 2010.

A página, que se tornou um sucesso – já que dá para pesquisar coisas como a evolução ou declínio da popularidade do seu nome ao longo do tempo e ver quantas pessoas no país são seus xarás –, mostra que Maria e José estão no topo da lista entre os mais populares nomes brasileiros, seguidos de João e Ana. Assim, é possível aproveitar os dados disponíveis para planejar atividades em diversas disciplinas.



# STRUMENTO



Pesquise um nome

Nomes mais populares

No Brasil, de acordo com o Censo Demográfico 2010, existem

Primeiro nome

Brasil

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

**Nota 1:** as formas variantes dos nomes foram contabilizadas distintas registradas na lista de moradores do domicílio no momento da coleta. Este trabalho foi realizado pelo Recenseador durante a entrevista presencial ou por meio de informante via internet. Desse modo, nomes como Ana ou Anna, Ian ou Iann, entre outros, foram considerados de per si, com a grafia original da coleta. Foram previstos sinais diacríticos (acento agudo, acento circunflexo, acento grave, acento til, assim, nomes como Antônio, Cauã, Luís, Luísa, entre outros) sem tais sinais.

Para a professora Ana Lígia Scachetti, também editora da Revista Nova Escola, o tema central da página, nomes próprios, é perfeito para o trabalho com as turmas de alfabetização, já que nessa etapa os estudantes também estão refletindo sobre os números. Então, o ideal é aproveitar para abordar esses dois conteúdos conjuntamente. “Você pode fazer uma lista dos nomes da turma com a participação de todos e depois propor que os alunos pesquisem em duplas essas palavras na área ‘Pesquise um nome’. Peça a eles que anotem no caderno o que foi encontrado e a quantidade de pessoas que têm nomes iguais ao da turma no Brasil (obtida no item “Frequência”). Monte uma tabela em um cartaz e peça que cada dupla escreva os dados que obteve”, sugere Ana.

Outra dinâmica bacana, que pode ser facilmente realizada, é dividir a turma em grupos e solicitar que cada equipe explore um tema diferente no campo “Nomes mais populares”. “Um pode buscar os nomes de mulheres mais comuns na década de 1990, por exemplo, e outro grupo se focar em como a maioria dos homens se chamava nos anos 1960. Após todos coletarem os dados, peça que montem gráficos e apresentem o resultado para os demais. Se julgar necessário, faça uma leitura compartilhada de gráficos diversos coletados em revistas, jornais e outros sites para ampliar as referências da garotada sobre as possibilidades de tratamento de informações. Noções de estatística devem ser trabalhadas desde os anos iniciais”, pontua Ana.

Em aulas de Língua Portuguesa ou História com os adolescentes, o ideal é ampliar a pesquisa na internet, pois em grupos eles podem por exemplo buscar o significado dos nomes mais populares ou fatos que influenciaram a escolha por um determinado registro em alguma década. “Peça que todos anotem onde encontraram as informações obtidas. Dê um tempo para que as equipes compartilhem o que foi pesquisado e discuta as fontes de informações utilizadas. O site também pode ser acessado pelo telefone celular, então, se preferir (e se a turma tiver aparelhos com conexão à internet), organize a atividade na sala de aula com esse equipamento”, enfatiza a professora.



Para as aulas de Matemática, o *site* oferece outras inúmeras possibilidades. Números ordinais e porcentagem são alguns dos dados fornecidos. É possível avaliar quais deles é melhor privilegiar de acordo com as características da sua sala e os conteúdos que já foram abordados anteriormente.

Vale ressaltar que para iniciar a aula com as informações do IBGE os professores devem fazer uma introdução. É importante, antes de tudo, explorar a página, ler as notas do instituto e outros detalhes e tentar antecipar as dúvidas e curiosidades da classe. Para isso a professora Ana sugere que “Com os computadores conectados à internet,

apresente o *site*, converse sobre o que são o IBGE e o Censo. Veja o que os alunos já sabem sobre esses temas e deixe que explorem as informações. Se parte da classe não tiver familiaridade com a tecnologia, organize duplas produtivas. Após algum tempo, faça um debate sobre o que descobriram e deixe que eles continuem navegando pelos caminhos que os colegas indicarem”.

Eu tenho mais de 50 mil xarás aqui no Brasil. E você?

#### **ACESSE O "NOMES NO BRASIL"**

[www.censo2010.ibge.gov.br](http://www.censo2010.ibge.gov.br)

■ *Por Richard Günter*

**Fontes:** Nova Escola | Prof<sup>a</sup>. Ana Lígia Scachetti

# VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

---

Iniciativa mostrou as diferenças culturais entre as regiões e estados do Brasil





A professora de Língua Portuguesa, Luciara Muniz da Silva, ressalta que o projeto foi um diferencial no bimestre. “Isso porque tivemos a elaboração e apresentação de trabalhos feitos de forma lúdica e prazerosa. Ficamos responsáveis pelo Pará, e logo sugeri a dança do carimbó. A partir daí exibimos atividades maravilhosas sobre o ritmo, o desfile ao som do hino da região e sua respectiva bandeira, além da filmagem e edição do vídeo da apresentação da turma”, explica.

Rebeca Ceciliano Dias, professora de Espanhol, afirma que a escola se mobilizou para que tudo saísse como planejado nos três turnos. “Foram dias de movimentação e interação entre todos os alunos, professores e equipe escolar. Com um cronograma estruturado, todos puderam desfrutar de um agradável momento. E o mais importante: fora da rotina de sala de aula. O colégio está de parabéns pela iniciativa. Que venham mais projetos assim”, elogia.

De acordo com o educador de Artes, Marcelo Alves Figueiredo, o evento foi marcado por um sentimento de cooperação. “Posso destacar a atuação do aluno Luis Claudio Alves de Almeida, da turma Neja, que mostrou muita desenvoltura ao falar sobre as temáticas relacionadas ao Rio de Janeiro e levou um vídeo muito interessante mostrando aspectos positivos e negativos da cidade, que ficou sendo exibido no telão durante o evento. A apresentação da turma ainda fechou com chave de ouro com os números musicais: o samba “Aquele abraço”, de Gilberto Gil, e o *funk* “Rap da felicidade”, de Cidinho e Doca. Todos cantaram bem animados e afinados, num coro que passava uma energia bonita de sentir”, lembra Marcelo.





A estudante da turma 3.002, Thamires Marques de Oliveira, garante que foi uma experiência incrível. “Se pudesse viveria aquele dia de novo! Era como estar em diversos estados, sem sair do lugar. Quando vi várias pessoas rindo, brincando e dançando percebi que ali não havia várias turmas e sim uma família, a Brandão Monteiro. Sei que não posso voltar no tempo, mas guardarei esse dia no meu coração”, relata.

A diretora adjunta Denise conta que a participação dos estudantes nos projetos desenvolvidos na escola tem tido um retorno muito satisfatório. “Nossos alunos têm se mostrado verdadeiros amigos da instituição, zelando pelo patrimônio, participando ativamente de tudo e ainda fazendo a divulgação. Implementamos também o Grêmio Escolar, que está sendo fundamental nas questões de conscientização junto aos outros jovens. Com o ambiente mais atrativo para os alunos a diminuição da evasão escolar é consequência”, finaliza a diretora.

■ *Por Jéssica Almeida*

---

**Colégio Estadual Brandão Monteiro**

Estrada Itaipu-Babi, s/nº – Nova Aurora – Belford Roxo/RJ

**CEP:** 26125-570

**Tels.:** (21) 2785-1220 / 2785-1433

**E-mail:** cebmonteiro@gmail.com

Fotos cedidas pela escola

# CONSTRUINDO A FELICIDADE

---

Escola pública da Baixada Fluminense recebe a autora Maria Tereza Maldonado para bate-papo com alunos



**D**esde o início do ano letivo os alunos do Colégio Estadual Padre Anchieta são estimulados a participar de recitais, rodas de leitura e saraus. Essas atividades pedagógicas propostas aos estudantes fazem parte do Projeto de Leitura Escolar (PLE) da Secretaria de Educação, colocado em prática na unidade de ensino. Uma das atividades propostas aos alunos do nono ano do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Médio em 2018 foi a leitura do livro “Construindo a Felicidade”, de Maria Tereza Maldonado, autora de mais de 40 obras publicadas.



A parceria entre a autora e a escola vem de longa data. O diretor do colégio, Renan de Oliveira Costa, é leitor das obras de Maldonado há anos e foi um dos entrevistados do seu último livro. Após a publicação dessa obra, surgiu a oportunidade de promover o encontro entre os alunos e a autora. “Quis dar aos estudantes a possibilidade de conversarem com o autor de um livro. Isso pra eles é muito importante e incentiva a leitura, nosso principal objetivo”, explica Renan.

Para receber a autora, os alunos prepararam diversas atividades e convidaram os responsáveis para estar presentes. Eles cantaram e dançaram músicas citadas no livro, assistiram vídeos e fizeram diversas perguntas à escritora. Também construíram duas árvores, uma com fotografias de momentos felizes e outra com os motivos pelos quais eles são gratos. Um dos pontos altos do evento ocorreu quando Maria Tereza Maldonado foi convidada para dançar com os alunos e posteriormente “alimentar” uma das árvores com os motivos pelos quais ela tinha gratidão.

Todas as atividades foram mediadas pela professora de Língua Portuguesa Neia Albino. A docente conta que a proposta inicial foi que a leitura do livro fosse feita em sala de aula, mas com o passar do tempo os alunos foram demonstrando interesse pelo conteúdo e pediram para continuar em casa, o que surpreendeu a professora. “O maior problema que eu percebo em sala de aula é a falta de leitura, pois muitos alunos não têm esse hábito, por isso a ideia inicial era formar grupos durante a aula para lermos juntos. Fui surpreendida com o interesse deles”, declarou Neia.

Na opinião da professora, dois fatores colaboraram para essa motivação dos alunos. Um deles é a temática abordada e o segundo é a forma como o trabalho foi conduzido. “O livro diz pra gente ser feliz e isso é um desejo de todas as pessoas. Por este motivo o tempo em sala de aula não pode ser penoso para os alunos, deve ser agradável. Existe a avaliação, mas o meu objetivo é que eles se divirtam aprendendo”, Ressalta Neia.

O resultado do trabalho desenvolvido a partir da leitura do livro foi imediato. Heloísa Ponce, diretora adjunta da unidade de ensino, afirma já perceber uma mudança positiva no comportamento dos alunos. “Aumentou a frequência na biblioteca e o empréstimo de livros. Estamos trabalhando para criar o hábito da leitura e fazer com que deixe de ser uma obrigação e passe a ser um prazer”, salienta a diretora.

Heloísa destaca também a influência da leitura no bom desempenho em outras áreas. “O costume de ler e a interpretação auxiliam o desenvolvimento do aluno em todas as outras disciplinas. As diferentes atividades que fizemos a partir da abordagem de “Construindo a Felicidade” foi a materialização da obra através da interpretação dos estudantes. Toda escola poderia estimular a leitura utilizando métodos lúdicos”, completa Heloísa.



*Maria Tereza Maldonado nunca pensou que este livro seria adotado por uma escola e ficou surpresa com o que presenciou no colégio*



Os alunos prepararam diversas atividades: cantaram e dançaram músicas citadas no livro e fizeram diversas perguntas à escritora

Para o aluno Davi dos Anjos, o livro ensina a ciência de ser feliz no dia a dia e a importância de converter os obstáculos em coisas positivas. “Pra mim, felicidade é o que nos faz bem. É transformar os problemas em aprendizado”, afirma o aluno do nono ano.

Maria Tereza Maldonado nunca pensou que este livro seria adotado por uma escola e ficou surpresa com o que presenciou no Colégio Estadual Padre Anchieta. “Os estudantes fizeram perguntas muito pertinentes sobre a obra e sobre o meu trabalho”, afirma a escritora.

**“O livro diz pra gente ser feliz e isso é um desejo de todas as pessoas. Por este motivo o tempo em sala de aula não pode ser penoso para os alunos, deve ser agradável.”**

No livro, a autora entrelaça o conteúdo de pesquisas com depoimentos dos entrevistados. Na sua visita à escola, Maria Tereza afirmou que, durante a construção da obra, pôde perceber algumas características comuns nas pessoas que se dizem felizes: “quem vive uma vida simples e valoriza o tempo com outras pessoas é mais feliz, assim como aqueles que se dedicam a uma causa e cultivam a fé para superar as dificuldades”.

■ *Por Marcela Figueiredo*

**Colégio Estadual Padre Anchieta**

Avenida Trinta e Um de Março, s/nº – Parque Paulista – Duque de Caxias/RJ

**CEP:** 25261-000

**Tel.:** (21) 3666-1278

**Fotos:** Marcelo Ávila

# O PRIMEIRO LIVRO NINGUÉM ESQUECE!

---

**U**m dia de autógrafos é sempre marcante para profissionais tarimbados na escrita: avalie para as crianças das séries iniciais da educação básica! Vamos além. Imagine, então, a profusão de emoções palpitando nos corações dos responsáveis dos pequenos, em especial os avós – “pais” pela segunda vez? Não esqueçamos da satisfação da equipe pedagógica que desenvolveu o projeto com as turminhas, incentivando-as a superar todos os obstáculos. De fato, todos e todas foram premiados com o projeto *Leitor pra vida toda!* em que os alunos foram autores, com os livros sendo publicados pela editora Estante Mágica. A proposta foi uma realização do Centro Educacional Itauá (CEI), localizado em Campo Grande, na Zona Oeste.



**NOITE  
DE  
FOTÓGRAFOS  
E  
SHOW DE  
TALENTOS  
DO  
CENTRO EDUCACIONAL  
TAUÁ  
2017  
EU FUI**



Entre uma chamada e outra, a professora Marilza Nery, da direção-geral da instituição juntamente com o professor Paulo Nery, apresentava outras potencialidades do alunado do segundo segmento do Ensino Fundamental, na “Descoberta de Talentos”, para deleite dos familiares e toda a comunidade escolar.

O investimento da escola foi bastante interessante, criativo e estimulante. Afinal, quem não gostaria de ter um livro de sua autoria? Com o projeto *Leitor pra vida toda!* o foco era mostrar o quanto a leitura traz conhecimentos ao mesmo tempo em que é libertadora. Ao propiciar às crianças a intimidade com os livros, buscou-se conscientizá-las da importância da leitura em suas vidas. Esta “intimidade” e interatividade com este suporte chamado livro demanda tempo, tato, afetos, criatividade, percepções, capacitação dos profissionais de educação e parcerias, não só da família, mas de uma editora que atendesse as expectativas da proposta pedagógica da escola.

Em suas pesquisas sobre metodologias criativas para potencializar a leitura, Marilza interessou-se pelo trabalho da editora Estante Mágica. A empresa disponibiliza projetos pedagógicos que desenvolvem competências cognitivas, interpessoais e intrapessoais, transformando a sala de aula e entusiasmando os alunos. Definidos os projetos, estes são compartilhados na plataforma do portal,



*Cada estudante teve a livre inspiração para criar sua obras. Os pais puderam acompanhar o transcorrer do processo pela plataforma virtual*



*Os pequenos autores contaram histórias baseadas no dia a dia, buscaram ilustrar algo que chamava a atenção através da sensibilidade própria*

com a qual os alunos podem interagir. Estabelecidos os projetos pedagógicos por série e construídos os planos de aula pelo corpo docente, o trabalho foi tomando consistência ao longo de seis meses. Cada estudante construiu seus personagens, sua narrativa foi tomando forma, ritmo, fluxo. Tudo dentro das expectativas da criança. Os pais acompanhavam o transcorrer do processo pela plataforma virtual.

O livro é composto de capa dura com o título e nome do autor, contracapa e 16 páginas impressas. Destas, seis são ilustradas pela criança, seis com a história e uma com a fotografia do autor e pequena biografia. E para completar as fortes emoções com esta produção, Marilza informou que a publicação não ficaria restrita ao ambiente familiar. Ela foi projetada para se tornar um produto paradigmático autoral do aluno na escola. Haja autoestima!

**"O foco era mostrar o quanto a leitura traz conhecimentos ao mesmo tempo em que é libertadora."**

A escola tem um forte trabalho de inclusão, atendendo crianças com variados comprometimentos, como TDAH, dislexia, disgrafia, entre outros. “Trabalho árduo, mas muito gratificante”, afirmou Paulo Nery, da direção da instituição. Este tema se insere no Projeto Político-Pedagógico da escola e tem como premissa observar que, “independente da condição, todos têm direito a uma educação de qualidade, com amor e profissionalismo”, pontuou o diretor do CEI, que teve como uma das autoras-mirins a pequena Manuela, de três anos, autista, que escreveu o livro “A diferença é o que nos une!”.

Na história, a princesinha Manu passa a integrar a Terra da Brincadeira. Entretanto, houve estranhamentos. Apesar de a acharem linda e meiga, a percebiam diferente e não sabiam como lidar com o que não conheciam, principalmente com o jeitinho só dela de brincar. Irrequieta, “não parava num só lugar”, e os colegas se questionavam das razões para este comportamento. Alegre, ela olhava tudo, “mas não via como a gente!”.

Todavia, este seu jeito de “olhar e não ver” começou a fazer “escola”. Foi sendo imitada – gestos, modo de ver e apreciar tudo. Não como um possível *bullying*, o que seria incabível, já que a escola tem todo um cuidado pedagógico com a questão da inclusão como salientado acima, utilizando elementos como espaço adaptado, formação continuada, debates sistemáticos e muita interatividade entre a comunidade escolar e os familiares dos alunos.

Mas, retornando ao contexto da história, os habitantes da Terra da Brincadeira aprenderam a lidar com a princesa Manu. Viram a existência de diferenças, mas também entenderam que, ao invés de se afastarem, deveriam se aproximar respeitando as particularidades, porque na realidade ninguém é igual a ninguém, mas ao mesmo tempo todos têm muito em comum. Os adultos bem que poderiam voltar-se para as crianças e aprender a escutá-las, pois certamente aprenderiam muito...

Outros alunos, cada um do seu jeito, contavam histórias que tinham a ver com alguma coisa do seu cotidiano. Algo que chamava a atenção de sua sensibilidade e que, em alguma medida, estava sendo debatido naquele livro. São casos como os do João Vitor, 9 anos, do 5º ano, que trabalhou o tema da criança adotada, e de Arthur, do Pré-2, outro autista, que retratou a chegada da irmã Elena, recém-nascida. Agora é esperar os próximos lançamentos, pois os adolescentes do segundo segmento do Ensino Fundamental gostaram da ideia de lançarem suas próprias narrativas, disponibilizadas por meio da publicação de um livro, que seria transformado em um material paradidático e exclusivo das turminhas do Itauá.

■ *Por Sandra Martins*

**Centro Educacional Itauá – CEI**

Rua Itauá, 226 – Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ

**CEP:** 23040-250

**Tel.:** (21) 3384-4036

**E-mail:** [centroeducacionalitaua@gmail.com](mailto:centroeducacionalitaua@gmail.com)

**Direção-geral:** Marilza Nery e Paulo Nery

**Fotos:** Marcelo Ávila



Atenção!

ESTE PRESENTE  
*causa felicidade*  
instantânea!

# ESCOLA CONSCIENTE

Através de projeto, colégio desenvolve ações inovadoras em prol do meio ambiente

**E**scassez da água, consumo irresponsável, produção de lixo acelerada e degradação dos recursos naturais. Esses problemas constantes e presentes no cotidiano despertaram a atenção dos alunos e professores do Colégio Batista Shepard, localizado na Tijuca, exigindo respostas imediatas para experimentos e ações inovadoras. Para isso, o colégio desenvolveu a Mostra de Ciências com o tema gerador *Cidadãos do mundo, defensores da paz – Missão natureza*, que deixou um legado: uma casa ecológica construída de bambus extraídos do próprio terreno da escola e um sistema de reaproveitamento da água dos condicionadores de ar.



**Visite nossa  
Casa Ecológica**

A cada ano a equipe pedagógica desenvolve um tema norteador para os projetos. Tradicionalmente, nos anos pares eles executam a “Feira de Tradições Culturais – FTC” e nos ímpares “Mostra de Ciências Integradas – MCI”. Esses conteúdos são planejados pela equipe técnico-pedagógica e desenvolvidos pelos corpos docente e discente, contando com a orientação da Direção Pedagógica e o apoio do setor administrativo. Entre as disciplinas abordadas na MCI estão: Ciências e Matemática no Fundamental II e Química, Física, Biologia e Matemática no Ensino Médio. As demais disciplinas cooperaram na execução das etapas do projeto, cuja culminância foi celebrada com uma festa aberta à comunidade escolar. Nesse dia as turmas apresentaram a etapa final a partir dos subtemas abaixo:

6º ano – Preservar é reutilizar e reciclar – Defensores da natureza

7º ano – Reino vegetal & qualidade de vida – Defensores da natureza

8º ano – Natureza & Saúde

9º ano e 1ª série – Ecologia & Cotidiano

2ª série – Ciências da Natureza & Práticas Inovadoras

3ª série – Impacto Ambiental & Novas Práticas

Projeto Interdisciplinar – Reaproveitamento da água dos condicionadores de ar para regar uma horta sustentável nos moldes da farmácia viva.

**"É um sentimento de satisfação e alegria perceber os estudantes envolvidos com suas famílias na busca e na construção de conhecimento", afirma o professor Emerson da Silva.**

*Foram abordadas disciplinas como Ciências, Física, Química, Biologia e Matemática*





A mostra é o evento que mais reúne gente no colégio, cerca de 1.500 a 2.000 pessoas



A aluna Giullina Eggar, da turma 1.211, apresentou os benefícios de um carro híbrido, que estava exposto na mostra. “É sempre bom fazer este evento no Colégio, principalmente quando temos um tema como este que é meio ambiente e sustentabilidade”, afirma. O professor de matemática Emerson da Silva mostra sua empolgação ao ver os trabalhos dos alunos. “É um sentimento de satisfação e alegria perceber os estudantes envolvidos com suas famílias na busca e na construção de conhecimento”, conta.

Segundo a diretora pedagógica Ana Laura Defáveri, a mostra é o evento que mais reúne gente no colégio. “Serão cerca de 1.500 a 2.000 pessoas, temos a vocação para recebê-las e acolhê-las ensinando a elas um caminho melhor”, garante. Alexandre Aló, diretor do colégio, completa afirmando que o objetivo da instituição é passar para os visitantes e responsáveis o quanto os alunos são capazes, desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio, de produzir o que está nos livros, fruto de suas pesquisas.

Os diretores contam ainda que o maior resultado observado é o aumento de uma consciência sustentável nos alunos e até mesmo no corpo docente. “A reutilização de materiais recicláveis deixou como legado: uma casinha de boneca construída de *pet*; uma casa ecológica feita com bambus do nosso próprio terreno e um sistema de reaproveitamento da água dos condicionadores de ar, que está em pleno uso”, finaliza.

■ Por Jéssica Almeida

**Colégio Batista Shepard**

Rua José Higino, 416 – Tijuca – Rio de Janeiro/RJ

**CEP:** 20520-202

**Tel.:** (21) 2105-0574

**Site:** [www.batista.br](http://www.batista.br)

**Fotos:** Marcelo Ávila

*Educação e Tecnologia*

# FESTIVAL PATH

---

Um evento que reuniu gente inovadora, criativa e muita troca de experiências



**E**m sua 6ª edição o Festival Path contou com presenças pra lá de marcantes em suas diversidades. Entre elas, estava lá para conferir e trocar experiências a Revista Appai Educar. Foram dois dias de muita informação e sinergia no maior festival de educação, inovação e criatividade do Brasil. Com sua mega programação espalhada por mais de 10 espaços no bairro Pinheiros, a agenda diversificada, atual e interativa atendeu a gregos e troianos, através de temas ligados às artes, tecnologia, empreendedorismo, educação, sustentabilidade e cultura no sentido mais amplo da palavra.

Um *pool* de palestras, seminários, sessões literárias, gastronomia, *games*, feiras *maker* e *workshops* em diferentes áreas temáticas, que ao final se conectavam, redesenhando de forma ainda mais livre o cenário do festival, tudo isso rolando de forma simultânea, estruturada e organizada, diga-se de passagem.

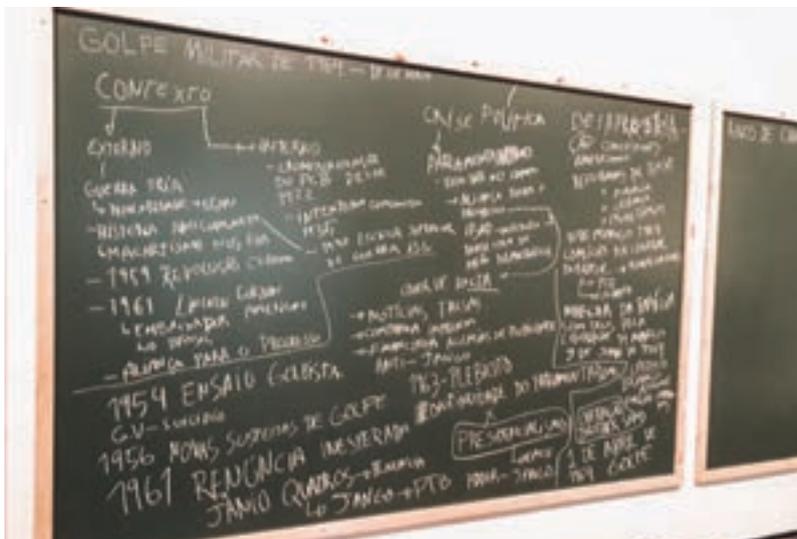
Sob a ótica da diversidade e da inclusão social, vista e revista nos espaços, nos conteúdos e sobretudo no público, o evento produziu uma total coesão nos dois movimentados dias. A quebra de paradigmas e barreiras foi a chave dos discursos para a tão almejada mudança de cultura falada por quase todos. No decorrer dos muitos blocos, professores, gestores, empreendedores, estudantes e especialistas mostraram que a tecnologia é apenas um viés alavancador para o rompimento da bolha. Contudo, a mola propulsora de toda essa engrenagem de experiências e buscas transformadoras continua sendo o humano.

Um dos trabalhos apresentados, na área educacional, o premiado projeto *Esporte que muda a escola*, idealizado pela professora municipal Marcela Mota, foi tema de uma das mesas de educação inclusiva. A docente mostrou que, mesmo não tendo uma quadra esportiva

*Evento reuniu mais de 15 mil pessoas, entre estudantes, professores, gestores, especialistas e empreendedores durante os dois dias de atividades*



*A atriz Regina Casé foi uma das convidadas para falar acerca da importância da ruptura do olhar da sociedade em relação às mulheres*



Em uma das exposições o Regime Militar de 1964 e toda a sua trajetória estiveram no centro das conversações

na sua escola, ainda assim foi possível realizar a mudança de olhares e percepções da sua turma de Educação Infantil, através das práticas do esporte. “Esse movimento dará às crianças, quando chegarem à fase adulta, uma base reflexiva com opiniões mais críticas e um olhar mais abrangente para com as muitas possibilidades do seu corpo”.

Saindo do esporte para a música e os variados ritmos como elementos de formação cultural, o Jazz Americano, um dos gêneros mais celebrados do mundo, criado em comunidades negras como a de Nova Orleans, marcou presença em um dos palcos do festival, assim como o funk. A batida advinda das comunidades foi tema de um dos encontros em que se discutiu a sua representatividade enquanto realidade da periferia brasileira. Em sua fala, a estudante da USP Renata Prado, que também é dançarina desse ritmo, reiterou a necessidade de levar essa temática para dentro das escolas, a fim de que os próprios alunos se identifiquem e estudem sua história.

Em um outro espaço, o professor Marcio Otake lembrou para uma plateia altamente atenta que o futuro da educação é dar ênfase em projetos com alunos, professores, gestores e famílias no centro, pois para ele “criança feliz aprende de forma mais engajada”. As mídias digitais também performaram durante o evento. Em uma delas Rafael Bias, diretor de arte da Rede Globo e docente da Faap – Fundação Armando Alvares Penteado –, disse que

um dos segredos da direção de arte num *Live Streaming* (tecnologia que permite dinamizar as transferências de dados e deixar as comunicações mais rápidas e dinâmicas) está na criação do cenário, que precisa ser atrativo, dinâmico e bem iluminado. Coincidência ou não, tudo isso nós encontramos nas muitas instalações do Festival Path.

Diante de tanta informação, uma das palestras falava exatamente de como ler tantas notícias em tão pouco tempo. De acordo com a editora de conteúdo da Web Nexa, Marina Menezes, cada vez mais a curadoria da informação ganha um lugar de destaque na pesquisa, seja jornalística, *on-line* ou impressa, a fim de que esse conteúdo tenha relevância para os leitores.

Para fechar a sua participação, a Revista Educar deixou um bilhete no mural sobre coisas que nos inspiram. Como não podia deixar de ser, o que nos move e estimula são os educadores independente da sua área, pois o mais bacana sempre é realizar as trocas de experiências. E esse festival nos proporcionou essa vivência. Então, até 2019.

■ Por Antônia Lúcia

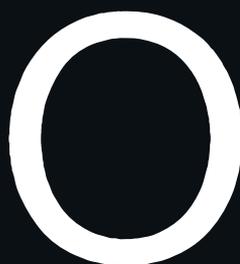
Guia Histórico

# MUSEU SELEÇÃO BRASILEIRA



Um espaço interativo  
que mostra a história  
da paixão nacional  
utilizando inovação e  
tecnologia





O futebol chegou ao Brasil em 1894. Vinte anos depois a Seleção Brasileira fez sua primeira partida oficial e conquistou seu primeiro troféu: a Copa Roca. Começava a lenda da Seleção mais gloriosa e temida da história, que seria responsável por transformar o futebol em mais que uma paixão nacional: uma religião. Taças, fotos, imagens e tecnologia de última geração fazem da visita ao **Museu Seleção Brasileira** uma experiência surpreendente e interativa. Certeza de emoção sem igual.

As taças das cinco Copas do Mundo vencidas pela seleção mais vitoriosa de todos os tempos (em 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) são exibidas em um espaço que convida os visitantes a reviver esses êxitos. Nas paredes da sala em que os troféus estão expostos são projetadas as melhores imagens dos mundiais conquistados. Nesta atra-

ção, o visitante se sentirá parte da Seleção Brasileira. Através de óculos 3D, pode-se viver momentos típicos de um craque do futebol, como cantar o hino, ver os roupeiros arrumando o vestiário e até assistir a uma entrevista coletiva. Também é possível se divertir com *quiz*, quebra-cabeça e jogo da memória. A memória sonora da CBF é reunida em *dials touchscreen* em que é possível ouvir narrações históricas relacionadas à Seleção, através de locuções radiofônicas, declarações e cantos lendários da torcida.

Também conhecido como CBF Experience, o Museu está localizado na Barra da Tijuca. A visitação é recomendada a todas as escolas que pretendam trabalhar pedagogicamente as disciplinas de história e educação física. Com o incentivo da meia-entrada para estudantes e gratuidade para professores da rede pública, o local abre o espaço para visitas guiadas para grupos escolares.



■ Por Richard Günter

Fonte: CBF

**Museu Seleção Brasileira**

Avenida Luís Carlos Prestes, 130 –  
Barra da Tijuca – Rio de Janeiro/RJ  
Aberto todos os dias, das 10 às 18h  
(última entrada permitida: 17h30)

**Agendamentos:** (21) 3572-1963

[www.cbf.com.br/Museu](http://www.cbf.com.br/Museu)

# CADÊ A IGUALDA ESTAVA AQUI? O

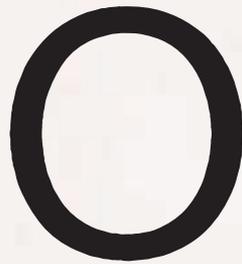
---

É essencial que adultos e educadores compreendam que a criança está sempre em desenvolvimento, e qualquer questão relacionada à igualdade, inclusão ou mesmo preconceito será apreendida positiva ou negativamente



# ADE QUE GATO COMEU!





entendimento de igualdade é seguidamente mencionado em aulas e também fora da escola, seja nas matérias de jornais ou em propagandas políticas. Contudo, muitas crianças e pré-adolescentes podem não entender o verdadeiro significado dessa palavra, por não saberem a forma pela qual ela pode se fazer presente em suas ações do cotidiano.

Assim, compete à escola e à família oferecerem instrumentos acadêmicos e cotidianos para que os alunos possam entender mais claramente a forma como a igualdade move a vida de todos nós. Para isso, é essencial promover atividades apropriadas às idades dos alunos, de maneira que eles compreendam melhor como ela pode ser vivenciada diariamente.

A Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade Cristiane Guedes ressalta o fato de ser muito importante que o adulto ressignifique o objetivo da palavra “Igualdade” para que possamos abordar com os pequenos, para que sua participação seja efetiva na sociedade. “Res-significar para dar um sentido efetivo à igualdade. Etimologicamente, a palavra tem origem do latim *equalitas*, que quer dizer “aquilo que é igual”, “semelhante”, relação entre coisas iguais. Portanto, a atitude que precisamos ter com nossos semelhantes. Igualdade está relacionada aos direitos e deveres que devemos cumprir em sociedade, bem como nas políticas públicas, sejam elas educacionais, de saúde e até nas oportunidades”, explica.



## Mas, afinal, como levar para as crianças um conceito complexo como a igualdade?

Num mundo em que as crianças e adolescentes acreditam achar tudo que precisam na tela de um computador e interagem cada vez menos com os pais e professores, respeitar as diferenças é muito importante para que tenhamos uma sociedade mais igualitária. Ainda mais em sala de aula, onde existe uma diversidade significativa, que está relacionada, de acordo com a mestre em Psicanálise, à condição de cada família, seus credos, convicções e relações. “Cada indivíduo em uma sociedade participa de acordo com suas crenças, aquilo que se perpetua de cada família. O que deve ser constatado em sociedade são as individualidades pertinentes a cada ‘constelação familiar’. Quando tratamos de igualdade, devemos tratar das diferenças ideológicas com o devido respeito, pois delas se constitui a sociedade. Trata-se de uma questão qualificada, que permeia a problemática da individualidade. Portanto, é fundamental que seja trabalhada em sala de aula, valorizando a ética nas relações”, garante Cristiane.

A especialista relata que o trato do tema deva ser referido à igualdade social. Segundo ela, todos têm os mesmos direitos com particularidades apenas nas

escolhas que realizamos, sejam elas de âmbito religioso, gênero ou crença. “Formamos uma sociedade e os direitos deveriam ser os mesmos para todos. A relevância do tema, a meu ver, deve ser tratada com naturalidade. Valorizando a diversidade, as escolhas e principalmente aprendendo a ouvir, pois das diferenças é que nasce a igualdade. Tudo está na possibilidade de eu acolher o outro, sem reservas. A criança aprende, segundo Piaget, através da ação sobre o objeto, onde estabelece relações e impressões sobre aquilo que deseja. A ação pedagógica mais efetiva para o trato com a criança é através das relações com o outro, ou seja, o jogo. Eles aprendem à medida que interagem estabelecendo, assim, valores para a interação social”, afirma.

De acordo com Cristiane, a criança não nasce com valores sociais estabelecidos. A partir dos primeiros instantes de vida, ela deve ser cui-

dada em suas necessidades básicas. É também nesse momento que se inicia a aprendizagem sensorial e assim sucessivamente. “Nesse processo de desenvolvimento, vai se estabelecendo,

através da interação com quem cuida, a relação com os valores sociais. Estes estão recheados de crenças que são disparadoras na relação de alteridade. É a partir dessas crenças que vão ser caracterizados os padrões entre os sujeitos envolvidos.

**“A criança não é preconceituosa, até porque ela se ocupa de seu aprendizado e de estabelecer relações com o outro”, garante a especialista.**

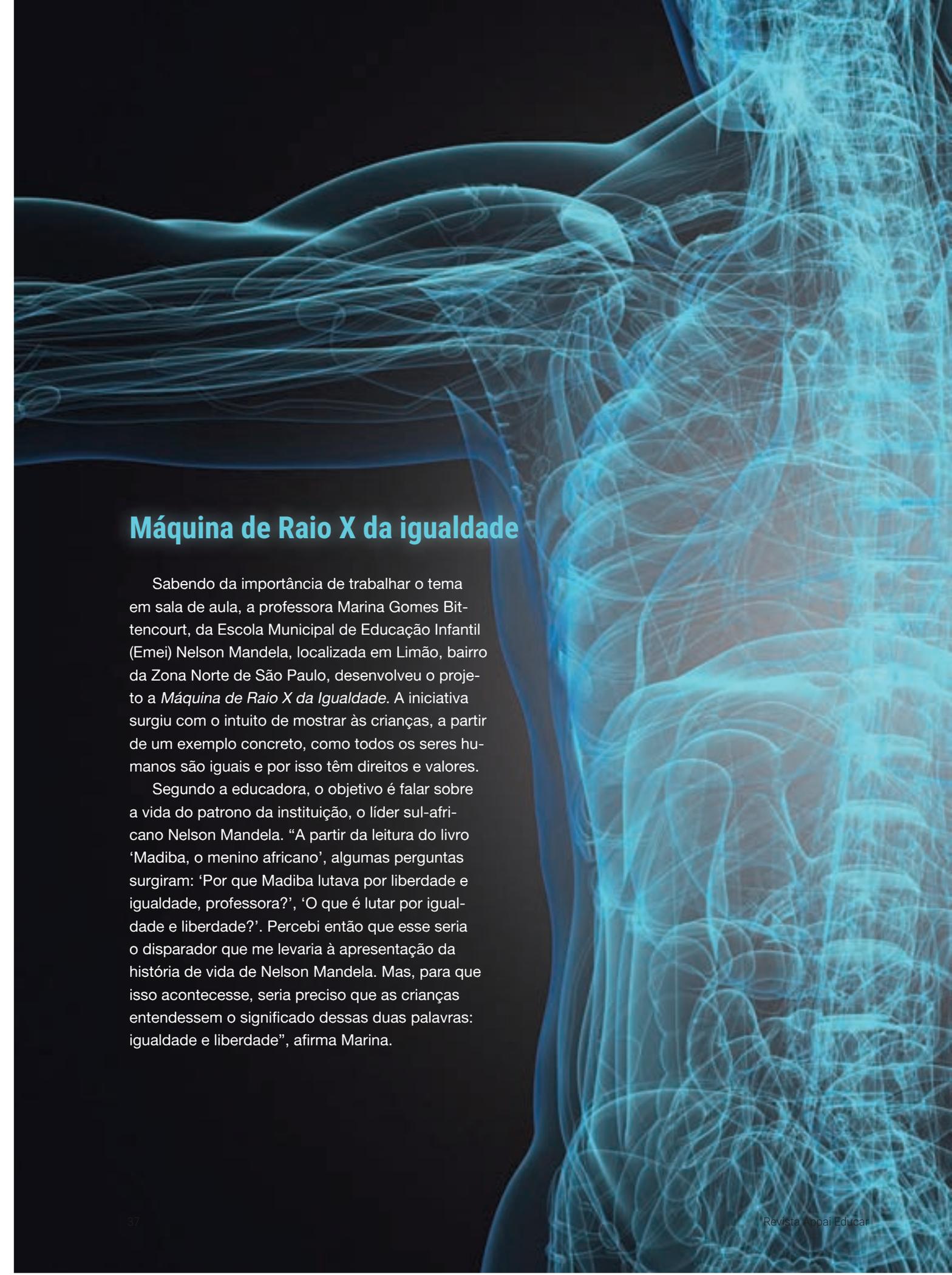
O adulto é, para a criança, um modelo de aprendizagem, que será repetido até que ela, através de suas relações pessoais em sociedade, consiga discernir entre o que está certo e o que está errado em determinadas condutas.

A mestre em Psicanálise ressalta a importância de adultos e educadores que compreendam o fato de a criança estar sempre em desenvolvimento. Segundo ela, qualquer questão que esteja relacionada à igualdade, inclusão ou mesmo preconceito será assimilada, positiva ou negativamente. Tudo o que inviabiliza o seu contato com o outro é inevitavelmente aprendido. “É importante entendermos que as temáticas envolvendo essas questões

estão diretamente relacionadas à predisposição do adulto em interagir socialmente. Essa condição está ligada às crenças existentes em determinada configuração da sociedade. Igualdade se define por direitos iguais de interação social e não é algo que deveria estar relegado às questões de gênero ou raciais. Trata-se de um conceito que diz respeito à inexistência de desvios ou incongruências sob determinado ponto de vista entre elementos comparados”, esclarece Cristiane.



Cristiane Guedes é Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade – UVA. Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Ceperj. Atividade: Clínica Psicopedagógica e experiência em Supervisão e Orientação Educacional. Especialização em Dificuldade de Aprendizagem: Prevenção e Reeducação Uerj. Especialista em Orientação Profissional / Vocacional – Instituto SER. Graduada com Licenciatura em Educação Artística pelo Instituto Metodista Bennett. Professora de Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Coordenadora do curso de Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Palestrante para pais e educadores. Contato: criguedes@hotmail.com | Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1372603256561830>



## Máquina de Raio X da igualdade

Sabendo da importância de trabalhar o tema em sala de aula, a professora Marina Gomes Bitencourt, da Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Nelson Mandela, localizada em Limão, bairro da Zona Norte de São Paulo, desenvolveu o projeto a *Máquina de Raio X da Igualdade*. A iniciativa surgiu com o intuito de mostrar às crianças, a partir de um exemplo concreto, como todos os seres humanos são iguais e por isso têm direitos e valores.

Segundo a educadora, o objetivo é falar sobre a vida do patrono da instituição, o líder sul-africano Nelson Mandela. “A partir da leitura do livro ‘Madiba, o menino africano’, algumas perguntas surgiram: ‘Por que Madiba lutava por liberdade e igualdade, professora?’, ‘O que é lutar por igualdade e liberdade?’. Percebi então que esse seria o disparador que me levaria à apresentação da história de vida de Nelson Mandela. Mas, para que isso acontecesse, seria preciso que as crianças entendessem o significado dessas duas palavras: igualdade e liberdade”, afirma Marina.

A educadora conta que começou a conversa com os pequenos, que têm entre quatro e seis anos, pela definição de “igualdade” no dicionário. E depois disso, teve a ideia de mostrar o esqueleto humano. “Como é que podemos ver nosso esqueleto? Fazendo um raio X! E assim direcionei para a ideia de igualdade”, explica.

Para colocar a atividade em prática, a professora resolveu usar o poder imaginativo das crianças através de uma abordagem já conhecida pelos alunos da escola: a *Família Abayomi*. “São bonecos de pano em tamanho real, que passaram a integrar a família escolar. O Azizi

Abayomi, por exemplo, é um príncipe negro africano que vem ao Brasil e se casa com Sofia. Da união nasce Dayó e Henrique. Trata-se de uma espécie de “mito criador” do debate racial com as crianças na escola. Como existe afeto em torno dos bonecos e das bonecas, cada passo da família (casamento, nascimento dos bebês, férias etc.) abre espaço para atividades lúdicas e para debates sobre racismo, inclusão, resgate da ancestralidade, entre outros temas que incentivam o respeito às diferenças”, explica a educadora. A partir daí a brincadeira foi enviar para os alunos a seguinte carta:

**“Olá, turma Marte (cada turma da escola tem o nome de um planeta)! Ontem eu vi que vocês fizeram uma atividade muito legal. Vocês procuraram e acharam vários significados para as palavras Liberdade e Igualdade! Nossa, mas eu achei um pouco complicado entender essas duas palavrinhas, e vocês? Bom, resolvi ajudar e trouxe essa máquina, ela se chama Raio X da Igualdade, a professora de vocês vai ensiná-los a usar. Aproveitem!” - Sofia Abayomi.**

A educadora explica que o objeto funciona de forma lúdica: os pequenos passam a máquina no corpo do “examinado” e ao final retiram a “chapa” mostrando que por dentro todos são iguais. “Após essa atividade as crianças começaram a perceber que ser diferente por fora é legal e importante. Passaram a respeitar as diferenças entre eles, como a cor da pele, tamanho, cabelo”, conta Marina.

A escola também passou a falar sobre a importância da igualdade. “Negros e brancos devem ter os mesmos direitos, essa era a luta de Nelson Mandela. O objetivo é que as crianças participassem de

ações afirmativas que valorizem sua identidade étnica”, garante a docente.

Marina perguntou para os pequenos como poderiam ensinar as demais pessoas a respeitar as diferenças. E eles responderam: “Podemos ir para rua e mostrar tudo que aprendemos”. Foi a partir dessa ideia que a escola realizou uma passeata contra o racismo e o preconceito. “O mais importante de projetos como esse é a possibilidade de formar cidadãos que respeitem o próximo, entendam as diferenças entre as pessoas, compreendam que são elas que compõem a nossa vida em sociedade. É dada às crianças a oportunidade de construir uma imagem positiva de si mesmas participando de ações afirmativas sobre suas identidades étnicas, e que elas levem essa aprendizagem consigo para a vida toda, repassando às demais pessoas que façam parte do seu convívio”, garante.



O projeto funciona de forma lúdica, os pequenos passam a máquina no corpo do "examinado" e ao final retiram a "chapa" mostrando que por dentro todos são iguais



## Meninos x meninas? Conheça maneiras de unificar o grupo e promover igualdade de gênero

A Educação Física, por exemplo, talvez seja ainda uma das disciplinas mais tachadas pelos estereótipos e desigualdades de gênero. Isto porque, historicamente, esteve fundamentada na separação entre os sexos para a prática dos diversos jogos, esportes e brincadeiras que a integram. Enquanto algumas atividades eram destinadas apenas aos homens, como o futebol e o basquete, outras ficavam determinadas à participação feminina, a exemplo da dança.

Essa visão separatista era sustentada dentro da noção cultural de que práticas esportivas eram associadas ao universo masculino. “Vencer desafios, superar limites, enfrentar oponentes, dor e esforço eram ações tidas como experiências restritas aos homens, relegando às mulheres itens como leveza, fluidez, graça e sensibilidade”, explica Marcos Neira, professor da Faculdade de Educação da USP e coordenador do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar.

O educador ainda diz que não há outra explicação para a segregação. “Essa visão comumente circula amparada em falsas teorias biológicas ou psicológicas. A mulher não é ‘geneticamente’ frágil, assim como o homem não é ‘geneticamente’ forte”, justifica. Nesta concepção, não só os esportes, mas diversas brincadeiras e quase todas as lutas, foram constituídos como territórios de expressão e imposição de uma certa masculinidade, restringindo o espaço em relação à participação das mulheres.

De acordo com as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), não existe indicação de separação. Já os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem aulas mistas, tidas como uma oportunidade para que os alunos convivam, compreendam e respeitem suas diferenças. “Essas situações trazem efeitos educacionais perversos, pois vão ensinando a meninos e meninas concepções distorcidas sobre eles próprios e os lugares que podem ocupar no cenário social”, enfatiza Marcos Neira.



Atualmente, essa situação vem se modificando por ser possível aplicar ações inclusivas. Porém, a velocidade e a abrangência em que tudo isso acontece ainda não são satisfatórias. É possível observar, por exemplo, que são poucos pais que apoiam a prática das meninas no boxe, caratê ou mesmo nos videogames que retratam situações de combate. Por outro lado, meninos que praticam atividades como balé ficam na mira do preconceito.

A ideia de uma aula igualitária deve sensibilizar para o fato de que, em pleno século XXI, meninos e meninas ainda são tratados de forma desigual, e também promover a reflexão sobre os desafios que se materializam a partir de uma perspectiva democrática.

## Como o educador pode favorecer práticas igualitárias na Educação Física? Marcos Neira responde:

- Diversifique o repertório!

Para aulas mais inclusivas, o professor também deve ter em mente que é necessário selecionar experiências pedagógicas adequadas e diversificadas para o tratamento das práticas corporais. Além disso, insistir em situações didáticas que apenas exponham a dificuldade das crianças ou jovens só reforça as diferenças em sala de aula. É importante tematizar brincadeiras, danças, esportes, ginásticas e lutas realizadas por distintos grupos sociais – de gênero, religião, etnia ou classe.

- Apresente outras realidades!

Meninos e meninas precisam saber que a ocorrência social das práticas corporais nem sempre foi da maneira como hoje conhecemos, nem tampouco acontece da mesma forma em todos os lugares. Há países em que o futebol é uma prática bastante comum entre as mulheres. O balé já foi uma dança exclusivamente masculina e, em alguns povos, existem lutas praticadas igualmente por mulheres e homens.

- Aponte e debata as condutas segregacionistas!

É fundamental que os discursos que estigmatizam as pessoas sejam problematizados e as condutas segregacionistas, combatidas. Se os meninos não estão passando a bola para as meninas, a atividade precisa ser interrompida e as razões dessa postura têm que ser transformadas em objeto de análise e crítica. Da mesma forma, se os meninos se recusam a participar das danças ou da ginástica rítmica, esse comportamento deve ser debatido e questionado. O pior que pode acontecer é a escola ausentar-se dessa responsabilidade. A desconstrução dos discursos pejorativos ou das posturas preconceituosas só acontecerá se outros conhecimentos forem agregados às experiências pedagógicas para além das vivências corporais.

■ Por Jéssica Almeida e Richard Günter

**Fontes:** Cidade Escola Aprendiz, Centro de Referências em Educação Integral, Portal Lunetas (lunetas.com.br).

# NINGUÉM APRENDE A ENSINAR LENDO LIVROS

---

Estudiosos esclarecem que a experiência colaborativa é a base da construção de uma educação com intencionalidade pedagógica





Como garantir os direitos de aprendizagens na Educação Infantil sob o olhar do BNCC – Base Nacional Comum Curricular – nas creches e pré-escolas?

Tendo como pano de fundo

esse questionamento, assim foi aberto o primeiro painel do seminário “A formação de Professores na Educação Infantil”, idealizado pela FVG Ebape – Centro de Excelência e Inovações em Políticas Educacionais, no segundo trimestre de 2018.

A professora Audaci de Lima Silva, da creche Escola Municipal Quinze de Novembro, em Camaragibe (PE), trouxe um case de sua instituição de ensino em que ela aposta na brincadeira, através do diálogo corporal para potencializar o desenvolvimento da criança. Segundo ela, os projetos surgidos a partir desse interesse em aprender tendem a ser mais participativos. Ela deu exemplos de uma atividade em que as crianças usam baldes e cabos de vassoura para, através da musicalidade, favorecer outras linguagens que perpassam pela interação, pelo despertar da curiosidade, na ampliação dos conhecimentos e habilidades, garantindo à criança o direito de ser criança e brincar.

Já Maria Malta Campos, professora da Fundação Carlos Chagas, se disse favorável à interação e ao diálogo do professor com cada criança individualmente. Na construção desse falar sobre o que ela está fazendo, ter a sensibilidade de juntar o desenvolvimento social e o cognitivo. Partilhando a mesma percepção, Mônica Samia, da Avante Educação, defendeu o olhar que diz que a educação infantil se mede por múltiplas possibilidades. “Sair dos modelos assistencialistas e escolarizados e criar uma pedagogia mais participativa em que o professor tenha um lugar ideal através do conhecer, do conviver, do explorar, do participar e do brincar”, afirmou.

Ainda dentro dessa proposta colaborativa, Samia reafirmou que os professores precisam rever e reler as diretrizes curriculares para melhor entendê-las, a fim de que se faça uma pedagogia que seja mais comunicativa com as crianças e com todos os demais atores, pais, comunidade escolar, governo, professores e alunos.

Já no segundo painel, a debatedora e mediadora Claudia Costin pontuou em sua fala a importância de se ter um esforço para assegurar uma educação inclusiva e de qualidade, a fim de que se promovam oportunidades de aprendizagens ao longo da Educação Infantil até o Ensino Médio. Costin também alertou que o brincar não deve ser o tempo todo sem intencionalidade pedagógica.

Para Marisa Ferreira, professora do Instituto Vera Cruz, transformar a Educação Infantil no Brasil é um exercício que precisamos fazer, sem perder o foco de que o estudo colaborativo da equipe de professores deve estar alicerçado no viés de que só vamos aprender juntos a partir do trabalho. “Saber a diferença entre um setor e outro não define ser um bom professor, uma vez que a formação continuada precisa ter mais contato com a prática”, garantiu.

Finalizando o evento, a professora Linda Darling-Hammond, da Universidade de Stanford, na Califórnia, argumentou sobre “A formação de professores e a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental”, ressaltando que preparar educadores para o mundo, principalmente na primeira infância, passa sobretudo pelo contato humano para que esse profissional faça a diferença em sala de aula. “Aspectos importantes de ensino e aprendizagens sem interação, exploração, vivência, colaboração, serão apenas transmissão. Esse ensinamento se perderá, pois noventa por cento dessa informação não serão repetidos no futuro”, advertiu Linda, acrescentando ainda que ninguém aprende a ensinar lendo livros. Temos que estar construindo isso, reafirmando a importância que é a preparação dos professores para alavancar o aprendizado, sobretudo na primeira infância.

■ *Por Antônia Lúcia*

# DESCOMPLICANDO ENSINO DE FÍSICA

---

Projeto realça a importância da disciplina para a sociedade e mostra como os temas são desenvolvidos

**T**eorias da Relatividade. Mecânica Quântica. Buracos negros. Estes são alguns dos fenômenos estudados na atualidade inclusive no currículo da Física Moderna, que causam arrepios a muitos jovens e, por que não, a muitos adultos. Todavia, esses temores estão sendo desconstruídos a partir da inserção de tais conteúdos no Ensino Médio e no currículo mínimo estadual do Rio de Janeiro.

# DO O CA



Foto/divulgação filme Projeto Almanaque

E uma forma de constatar que a caminhada tem sido satisfatória são as exposições científicas realizadas em instituições como o Colégio Estadual Canadá em Nova Friburgo, na região Serrana, com a *I Mostra de Física de Partículas*. Entre as variadas discussões, questões como: De que é feito o universo? O que é o bóson de Higgs? Como funciona o acelerador de partículas? Além disso, outros aspectos bastante apreciados foram as biografias de cientistas e a trajetória dos modelos.

A proposta dessa iniciativa é a divulgação da física de partículas na comunidade escolar através da participação dos alunos no Masterclass (Projeto desenvolvido pelo Cern – Organização Europeia para Pesquisa Nuclear – para que os estudantes analisem os resultados de eventos ocorridos no acelerador), assim como o incentivo ao protagonismo através da elaboração da *Mostra de Física de Partículas*, que produziram sob a orientação da professora Adriana Oliveira Bernardes, responsável pela disciplina.

A docente, que em 2010 foi selecionada pela SBF (Sociedade Brasileira de Física) para visitar o acelerador de partículas do Cern na Suíça, desenvolveu a seguinte metodologia: dividiu a turma do 3º ano do Ensino Médio, com cerca de 30 alunos, em grupos de três membros. Cada equipe ficou responsável por pesquisar um dos temas a seguir e a produzir maquetes: “A descoberta do nêutron”, “O experimento CMS”, “O experimento ALICE”, “O experimento ATLAS”, “O experimento LHC-b”, “O CERN” e “O LHC”.



Acelerador de partículas LHC do Cern



Cada equipe ficou responsável por pesquisar um dos temas e a produzir maquetes

A distribuição dos temas foi feita por meio de sorteio e os discentes foram orientados a seguir determinados passos para a realização do projeto. Como o de levantar dados sobre o tema na internet, elaborar os conteúdos dos *slides*, apresentar a pesquisa em sala de aula, produzir maquete e expor o trabalho na *I Mostra de Física de Partículas do CEC*. Ou seja, o passo a passo de um futuro seminário acadêmico.

No quesito internet, os cuidados foram redobrados. As recomendações visavam alertar sobre a profusão de conceitos e informações incorretas. Para evitá-las, a orientação era buscar fazer as pesquisas em *sites* de universidades.

O campo da apresentação imagética foi mais tranquilo, não suscitando muitas preocupações. Os estudantes desenvolveram uma vivência bastante abundante, digamos assim, com o universo virtual. Muitos dominam programas gráficos básicos como o Power-Point, usados desde os trabalhos do 1º ano do Ensino Médio, como ocorreu para a Mostra de Astronomia. As dicas focaram o equilíbrio entre mais imagens e pouco texto, explorando a síntese dos conteúdos em tópicos e subtópicos. Uma excelente pedida, pois muita informação torna o trabalho poluído.

**“O campo da apresentação imagética foi mais tranquilo. Os estudantes desenvolveram uma vivência bastante abundante com o universo virtual”**

As apresentações em sala de aula serviram como ensaios, em que a professora teve chance de interagir com os alunos potencializando os aspectos relevantes dentro de cada tema. Assim como comentar sobre os excessos de texto e a importância do bom uso de imagens, de forma a manter um equilíbrio entre ilustrações, textura, letras, fios, claros, cores. Também no campo visual, mas concreto, a produção de maquetes elaboradas de acordo com a temática abordada: átomos, os experimentos, o acelerador de partículas, entre outros. A ideia era a explicação do funcionamento ou os conceitos.

Em suas pesquisas, os jovens puderam traçar a trajetória de como a física de partículas vem sendo desenvolvida desde a Antiguidade quando dois filósofos gregos pré-socráticos – Leucipo (primeira metade do século V a.C.) e Demócrito (460 a.C. - 370 a.C.) – elaboraram a ideia de átomo como sendo o menor constituinte da matéria. Quase dois mil anos depois surgiu o Modelo de Dalton, em que o meteorologista e físico inglês considerou ser a matéria composta por esferas maciças chamadas átomos.



Ainda segundo a constatação dos jovens pesquisadores, o chamado modelo do “pudim de ameixas”, do físico britânico J. J. Thomson (1856 - 1940), prevaleceu, afirmando ser o átomo constituído de uma esfera positiva, na qual estavam incrustadas partículas negativas. Posteriormente, veio o modelo de Rutherford – do tipo nuclear –, do físico e químico neozelandês naturalizado britânico Ernest Rutherford (1871 - 1937), que afirmava que no núcleo localizavam-se as partículas positivas e ao redor as negativas.

Em seguida, surgiu o modelo de outro físico, o dinamarquês Niels Bohr (1885 - 1962), também nuclear, mas no qual os elétrons deveriam ocupar órbitas definidas. Os alunos discutiram inclusive sobre a descoberta do nêutron em 1932 pelo físico britânico James Chadwick (1891 - 1974), uma partícula neutra que ocuparia com o próton o núcleo do átomo.



O entusiasmo da feira pôde ser observado pela curiosidade e inúmeras perguntas feitas pelos colegas das turmas do 1º e 2º anos, bem como dos docentes e funcionários do colégio. Para a professora, essas atividades são importantes para aprimorar e robustecer o protagonismo dos estudantes. Mas também a própria valorização da disciplina Física no Ensino Médio de forma a contextualizá-la proporcionando aos alunos a percepção de sua importância para a sociedade atual e de como os temas são desenvolvidos.

■ *Por Sandra Martins*

---

**Colégio Estadual Canadá**

Rua Jardel Holtz, s/nº – Bairro Olaria – Nova Friburgo/RJ

**CEP:** 28621-130

**Tel.:** (22) 99902-7681

**E-mail:** [adrianaobarnardes@bol.com.br](mailto:adrianaobarnardes@bol.com.br)

**Coordenadora:** Adriana Bernardes

Fotos cedidas pela professora

# RESGATANDO A HISTÓRIA

**E**m todo o Brasil um número considerável de escolas se depara com uma realidade: grande parte dos alunos não sabe a história da sua comunidade, do seu município e até mesmo do seu estado. Para muitos estudiosos, conhecer, entender, respeitar e preservar as raízes da comunidade em que vivem são requisitos fundamentais para fortalecer a própria identidade. E foi buscando estreitar os laços entre alunos e a comunidade em que está inserido que o Colégio Padre Anchieta desenvolveu um projeto de resgate da história da Baixada Fluminense. A unidade escolar fica localizada no Parque Paulista, um dos bairros que compõem o terceiro distrito de Duque de Caxias.





A ideia do projeto nasceu ainda no início das atividades escolares, durante as primeiras reuniões pedagógicas, quando professores de Geografia e História demonstraram interesse em trabalhar o tema. Com a ideia aprovada, a direção da escola convidou a professora e pesquisadora Marlúcia Santos de Souza para ministrar uma atividade de formação continuada. Ela é uma das ativistas da linha de frente, que vem pesquisando e difundindo ferramentas importantes para se entender a região hoje. A partir daí, os professores definiram os subtemas e passaram a trabalhar com as 24 turmas do segundo segmento dos ensinos Fundamental e Médio. Cada turma teve um professor-orientador e outro auxiliar.



Após mais de dois meses de pesquisa e de produção, o projeto chegou à culminância, que foi realizada em quatro dias. A turma 601 trabalhou com o subtema “Baixada, um olhar diferenciado”, sob orientação da professora de Geografia Márcia Franco. Segundo ela, tudo começou com a elaboração de textos a partir de fotos do bairro e do entorno de onde os estudantes moram. Eles trabalharam a questão da paisagem (categoria geográfica que consiste em observar as transformações no espaço em decorrência das atividades humanas na natureza). “Eu procurei estimular o aluno a buscar um olhar diferenciado do local onde mora, salientando que essa valorização do espaço deve começar a partir deles mesmos. Com isso, estudamos a história da Baixada relacionada ao lugar de cada um”, justifica a professora.



A turma 701, que abordou o tema “Violência e propostas de construção da paz”, dividiu a abordagem em vários tipos de violência: a doméstica, na escola, no trânsito e na política

As professoras Priscila Halliday, de Ciências, e Luzia Torres, de Língua Inglesa, acompanharam os trabalhos da turma 701, que abordou o tema “Violência e propostas de construção da paz”. A classe dividiu a abordagem em vários tipos de violência: a doméstica, na escola, no trânsito e na política. “São cenas que fazem parte do cotidiano desses jovens. Tratar do tema propicia a reflexão e permite que eles possam expressar os seus sentimentos”, afirma a professora Luzia. “Eles têm um olhar e, alguns, uma vivência sobre o assunto. O projeto também faz com reflitam sobre como têm agido com as outras pessoas”, complementa Priscila. A aluna Melissa Hartmann e mais seis colegas ficaram encarregadas de falar sobre o que acontece no âmbito doméstico. “Graças à pesquisa que fizemos, descobri que existe a delegacia da mulher. Também fiquei surpresa quando vi que 30% delas acreditam que as leis do país não são capazes de protegê-las da violência. É um tema preocupante, mas é importante que a gente possa refletir e tentar conscientizar a população para tentar mudar essa realidade”, desabafou.

Um grupo focou a pesquisa na educação do município, visitando a primeira escola da Baixada e traçando uma relação entre a história da região como um todo e a do seu bairro. “A valorização do espaço é fundamental para que se abram janelas e, assim, desenvolvam uma visão mais crítica, não se deixando levar pelas coisas que já chegam prontas para eles. É necessário que aprendam a olhar com os seus olhos e, a partir daí, procurem enxergar o que há por trás das paisagens”, aponta. O aluno Carlos Roberto Nicolau, da turma 601, pesquisou sobre as reservas ambientais de Duque de Caxias: “Nós temos 1 milhão e meio de metros quadrados de riqueza em fauna e flora. O Monte Equitativa é uma região que está sendo desmatada e que precisa de cuidado ambiental”, alerta.

A culinária foi o foco da turma 802. A professora de Ciências Susana Sathler ficou encarregada de orientar os trabalhos. Os estudantes fizeram uma pesquisa entre lanchonetes e *food trucks* do bairro para saber quais os lanches mais consumidos pela população local. No dia da apresentação, eles reproduziram um espaço gastronômico em que os visitantes puderam degustar alguns desses petiscos. Já a 901, orientada pela professora Lindalva Coutinho, de História, apostou na pesquisa sobre nomes de ruas do bairro. A aluna Thaiz Ribeiro e seus colegas de equipe ficaram com algumas delas, como a Capivara. “Muita gente não sabe, mas esse nome foi dado porque havia muitos exemplares desses animais no rio que fica próximo à rua”, exemplifica.

**"A proposta foi incentivá-los a usar a própria linguagem cibernética com que estão acostumados a se comunicar nas mídias sociais" - Solange Leiros**



*Os alunos também pesquisaram nomes de personalidades da música, do esporte e de outros segmentos da sociedade que são oriundos da Baixada*

A turma 1.004 desenvolveu o tema “Crias Caxienses”, orientada pelas professoras Solange Leiros, de Língua Portuguesa, e Elaine Marinho, de Matemática. Os alunos pesquisaram nomes de personalidades da música, do esporte e de outros segmentos da sociedade que são oriundos da Baixada. Em seguida, produziram um jornal bem descontraído. “A proposta foi incentivá-los a usar a própria linguagem cibernética com que estão acostumados a se comunicar nas mídias sociais. Eles trabalharam em cima da biografia de personalidades e foram montando o jornal”, explica Solange. Para Elaine, projetos como esse fazem os jovens se sentirem estimulados a apostar nas suas aptidões e investir nos seus sonhos: “Infelizmente, muitos deles ainda se veem sem perspectiva de um projeto de vida. Mas quando descobrem que tanta gente conseguiu vencer, isso provoca uma ruptura nesse pensamento negativo e surgem novos estímulos para caminhar”, afirma.



As turmas do 3º turno foram todas envolvidas na produção de um trabalho originado a partir do documentário “Lixo extraordinário”, que fala sobre o Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, atualmente desativado. O curta relata o trabalho de catadores de material reciclável e a transformação em obras de arte. Baseados nesse trabalho, os alunos entrevistaram moradores das proximidades do antigo lixão para saber o que mudou na vida deles. Os estudantes também empregaram reciclados para confeccionar peças decorativas e ainda fizeram uma horta utilizando garrafas *pet*. Kelly Moreira é funcionária da escola e mãe da aluna Layane Cristina, da turma 2.005. Ela participou da atividade com materiais reciclados, com Leni da Silva, que também trabalha na instituição. Juntas, elas deram suas contribuições na feitura das peças decorativas. “É gratificante. A gente ajuda e, depois do trabalho pronto, todos vibramos com os resultados”, garante Kelly.

Para o diretor-geral da unidade, professor Renan Oliveira, o projeto atingiu os objetivos estabelecidos, pois despertou no aluno um novo olhar para o que está a sua volta: “O projeto foi pensado com o intuito de propiciar ao estudante a valorização da identidade local. Fazê-lo se reconhecer como pertencente a este espaço, conhecedor do patrimônio, dos valores culturais, sociais e naturais. Somente assim, fazendo parte desse processo como um cidadão pleno, crítico e consciente, ele poderá ser capaz de transformar essa realidade em algo melhor.

■ *Por Tony Carvalho*

---

**Colégio Estadual Padre Anchieta**

Av. Trinta e Um de Março, s/nº – Parque Paulista –  
Duque de Caxias/RJ

**CEP:** 25261-000

**Tel.:** (21) 3666-1278

**E-mail:** cepadreanchieta@hotmail.com

**Diretor-geral:** Renan Oliveira

**Fotos:** Tony Carvalho



*Orientação Educacional*

# MAIS TEMPO PARA APRENDER

---

O programa “Novo Mais Educação” potencializa o desempenho educacional das turmas

# C

riado pela Portaria nº 1.144/2016 e regido pela Resolução FNDE nº 5/2016, o programa Novo Mais Educação é uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática, no Ensino Fundamental, e o desenvolvimento de atividades nos campos de artes,

cultura, esporte e lazer, impulsionando a melhoria do desempenho educacional mediante a complementação da carga horária no turno e contraturno escolar. Em São João de Meriti 44 escolas de educação básica (1º ao 9º anos) são beneficiadas, sendo uma delas a Casimiro de Abreu, que acaba de completar oito anos de implantação do programa. Para comemorar a data, a instituição promoveu um evento cultural, que contou com a participação de alunos e familiares.

Maria José Vieira Rodrigues é orientadora educacional e articuladora do Mais Educação na escola. Para ela, é possível observar os benefícios que têm sido proporcionados ao longo desses oito anos. “A proposta é, basicamente, possibilitar ao aluno um tempo maior na unidade escolar. Ou seja, ele tem quatro horas de aulas regulares mais três nas atividades do programa. Com isso, são sete horas diárias que a criança permanece na instituição, totalizando 20 semanalmente, das quais 15 são voltadas para as propostas do programa. As crianças ficam na escola por prazer e os mediadores e facilitadores vêm trabalhar por amor, pois só recebem uma ajuda de custo. O grau de empenho e profissionalismo é merecedor de muitos elogios.

**"A proposta é, basicamente, propiciar ao aluno um tempo maior na unidade escolar"**



*A dança contemporânea também foi representada no palco da EM Casimiro de Abreu. A atração agitou o público presente*

A avaliação segue o padrão da escola. Nas culminâncias, vemos o desempenho dos alunos, as habilidades que empreenderam e as competências que cada um tem”, esclarece. Além de Língua Portuguesa e Matemática, cada escola inserida no programa escolhe três atividades de uma lista oferecida. Em 2017, a Casimiro de Abreu optou por xadrez, música e teatro.

Paloma Domingos, coordenadora do programa na Secretaria de Educação de São João de Meriti, compareceu à escola para prestigiar o evento comemorativo. Ela visita as instituições da rede municipal acompanhando as ações de educação integral. “É um enorme prazer estar aqui, especialmente por ser uma das primeiras a ingressar no programa e por todos os anos desempenhar um lindo trabalho. A unidade manteve, durante todo esse tempo, a mesma articuladora, o que provoca um vínculo muito forte com a comunidade escolar. É gratificante constatar o empenho de toda a equipe pedagógica e o envolvimento das crianças”, observa.

Atualmente, a escola possui cerca de 500 alunos. Destes, 260 estão inseridos no Novo Mais Educação. Para Erlei da Silveira Aguiar, orientadora pedagógica, são muitos os depoimentos de mães que relatam crescimento no desempenho acadêmico dos filhos. “Temos

casos de mães que observaram mais facilidade na realização de tarefas, por exemplo, de Matemática onde antes eram encontradas muitas dificuldades. Outras crianças, com o xadrez, aprenderam a se concentrar e a ter disciplina. Houve ainda aquelas que, através da música, passaram a se expressar melhor. As professoras de sala de aula também relatam avanços no desempenho de suas turmas. Crianças que apresentavam déficit de aprendizagem já conseguem acompanhar os colegas, o que é bastante positivo, pois tornou possível nivelar a turma para um conhecimento integral”, define. Para Erlei, o sucesso do programa se deve a dois ingredien-



Os estudantes exercitam a interpretação, desenvolvem a postura vocal, aprendem técnicas de artes cênicas e do movimento do corpo



tes: afeto e carinho. “Além da missão de educar, esses ingredientes estão inseridos em todos os momentos, tanto nos mediadores quanto nos facilitadores”, completa.

Para a professora Talita Duarte, mediadora de Língua Portuguesa, o programa Novo Mais Educação expande os conhecimentos que o aluno estuda em sala de aula, desenvolvendo, através do lúdico, a língua falada e escrita. Utilizando sequências didáticas, os estudantes trabalham com textos, poesias e músicas. Tudo com muita ação. “Feito de forma que pareça uma brincadeira. Assim, prendemos a atenção da criança. Procuramos, em cada série, práticas que dinamizem o aprendizado, seja na alfabetização, na ampliação do vocabulário ou na interpretação de textos”, afirma.

Mediadora de Matemática, Jesuína Santos também aplica jogos pedagógicos nas atividades diárias. O dominó da

fração e o baralho da multiplicação são alguns desses jogos. “Procuramos ver o que eles estão aprendendo em sala de aula e trazemos o mesmo conteúdo para nossas atividades, só que com outra abordagem. Utilizamos jogos de tabuleiro, cartas, peças de montar, sempre seguindo o que se aplica a cada faixa etária. Nas séries mais avançadas, podemos até abordar as equações. No começo algumas mães não entendiam que as brincadeiras tinham um objetivo pedagógico. Mas, com o passar do tempo, os resultados foram surgindo e, hoje,

elas já compreendem que não são simplesmente brincadeiras”, complementa.

Fábio Marins atua como facilitador das atividades de teatro desde que o programa foi implantado na escola. Ao longo desse período ele já ajudou muitos alunos a vencer a barreira da timidez e melhorar a autoestima. Durante as etapas, os estudantes exercitam a interpretação, desenvolvem a postura vocal, aprendem técnicas de artes cênicas e do movimento do corpo. Para Fábio, o programa potencializa as competências



de cada um e possibilita novas oportunidades: “Estar no programa é uma forma de ajudar a comunidade a qual pertença. Alguns chegam cabisbaixos pela dura realidade que vivem, mas depois de algum tempo já mostram outro astral, com um brilho no olhar. É uma janela que se abre para o mundo. Sem dúvida, um trabalho desafiador, que nos estimula a buscar sempre mais. E foi esse estímulo que me fez criar o Espaço Vida, uma ONG que visa fortalecer e abrir novas portas, ampliando o que já é desenvolvido no Mais Educação”.

Aline Camila, facilitadora de música e dança, trabalha com a expressão corporal dos alunos. As atividades incluem alongamentos, coreografias e muita concentração para aprender os passos corretamente. “Através da dança, a criança e o adolescente desenvolvem o corpo e a mente. A prática estimula os sentidos e a socialização, além de corrigir a postura”, ensina. Anderson Magno, facilitador da atividade de xadrez, também acredita que a prática constante desse jogo contribui para melhorar o poder de concentração e

memorização dos alunos, “pois ajuda na capacidade de raciocínio lógico da criança, sem falar que a disciplina é fundamental para que o jogador possa desenvolver a melhor estratégia para vencer o oponente. Outro ponto positivo é que as crianças ficam mais calmas e menos ansiosas”. Além do xadrez, Anderson também trabalha um pouco de tênis de mesa, para desenvolver a mobilidade e o equilíbrio delas.

Beatriz Santos, estudante do 6º ano, participa do programa Novo Mais Educação com entusiasmo. Segundo ela, as atividades de Língua Portuguesa e de teatro são as que mais despertam o seu interesse. Já a sua xará, Beatriz Costa, do 5º ano, prefere mesmo a música e a dança. Os alunos Carlos Eduardo, Ryan Duarte e Vitor Hugo, todos do 5º ano, preferem o xadrez. Vitor já é um destaque na escola, desenvolvendo a estratégia de acordo com o jogo. “Primeiro



*No começo algumas mães não entendiam que as brincadeiras tinham um objetivo pedagógico. Mas, com o passar do tempo, os resultados foram surgindo e, hoje, elas já compreendem que não são simplesmente brincadeiras*

eu vejo quais peças o oponente movimenta para depois montar a melhor estratégia para chegar ao xeque-mate”, arremata.

O sucesso do Novo Mais Educação também é compartilhado por muitas mães que costumam acompanhar as atividades escolares. Vanessa Almeida, responsável dos gêmeos Emerson e Emily do 3º ano já enxerga os bons resultados, principalmente com o filho: “Ele estava mais devagar na leitura. Depois que entrou no programa, o aprendizado passou a fluir muito mais”. Para Elisângela dos Santos, mãe da Maria Eduarda, do 2º ano, o programa possibilita que sua filha permaneça mais tempo na escola. “Ela fica sete horas por dia e participa de muito mais atividades”. Grasiela Ribeiro, mãe da Ágatha, do 4º ano, e Alycia, do 2º, avaliam: “Na Alycia, eu já percebo que o programa produziu uma melhora

em Língua Portuguesa e em Matemática”. Débora Castro, mãe da Rebeca Vitória, do 2º ano, declara: “Percebo que minha filha está mais desenvolvida, mais calma e escrevendo melhor”.

Durante o evento que marcou os oito anos do programa na escola, os alunos fizeram várias apresentações, incluindo desfile de princesas, esquetes musicais e variados números de dança. Para a diretora-geral RoseAnnie Matos, o tempo maior na escola está

ajudando a desenvolver todas as habilidades e competências das crianças: “Esse programa busca ampliar o método de aprendizagem. Valores como união, cooperação e comprometimento são intensificados com o Novo Mais Educação. O aluno se sente acolhido e isso o faz querer ficar mais tempo na escola, da qual se sente próximo graças às atividades do programa, que dessa forma colabora para que se fique cada vez mais distante da evasão escolar”.

■ *Por Tony Carvalho*

**Escola Municipal Casimiro de Abreu**

Av. Miguel Couto, 619 – Sumaré

São João de Meriti/RJ

**CEP:** 25575-580

**Tel.:** (21) 2650-3101

**E-mail:** emcasimirodeabreu@hotmail.com

**Diretora-geral:** RoseAnnie Matos

**Fotos:** Tony Carvalho

Web

# ROLOU NA WEB



A Appai e a Revista Appai Educar estão viajando pelo mundo! Em São Paulo, a autora e pedagoga Elisabete da Cruz mostrou com orgulho a sua participação na última edição da Revista Appai Educar. Já a educadora Kátia Merelli levou a nossa camisa para desbravar Cajón del Maipo, no Chile.

## Voz do professor

“Gostamos muito da gentileza e profissionalismo da equipe da Revista Appai Educar que veio até a Escola Leocádia Torres realizar a cobertura de um projeto. Toda a equipe agradece pela oportunidade de mostrar que é possível, mesmo com tantas barreiras, construir uma educação pública de qualidade.” - Cleiton Resplande, via e-mail.

## Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



“Recebi hoje no Colégio! A cada dia melhorando mais e mais. Parabéns,

Appai!” - **Luciana Silva de Oliveira.**



“Matéria completa com dicas e estratégias para

aplicar com os alunos, espetacular! Parabéns à Equipe da Revista Appai. Show!” -

**Andréa Schoch.**



“Só tenho a agradecer pela forma que vocês valorizam

a nós, associados. Sei que cada detalhe, de cada benefício, é feito com muito profissionalismo, cuidado e carinho. Cada dia mais #amoappai <3” - **Cláudia**

**Valéria**

## As redes sociais + conectadas na educação



facebook.com/appairj



Instagram - @appairj



Twitter - @appairj



Youtube – youtube.com/appairj

*Multidisciplinaridade / Bom Espetáculo*

# UM ESPETÁCULO EDUCACIONAL

---

Do teatro para a sala de aula, Benefício da Appai promove diálogo cultural entre alunos

O sucesso do **Benefício Bom Espetáculo da Appai** não é somente movido a lazer, mas sim por sua capacidade de propiciar cultura aos seus associados. E ainda mais, propagar diálogo cultural e educacional. Sabe por quê? Uma grande iniciativa unindo arte e educação foi proposta a uma professora e seus alunos, desafiando-os a utilizar uma peça teatral como atividade em sala de aula. E a primeira experiência foi uma explosão de conhecimento entre uma galerinha do Ensino Médio.

**Traga-me a cabeça de Lima Barreto** foi o espetáculo proposto pelo Benefício, que deveria ser assistido e posteriormente trabalhado em sala de aula. Com mais de 30 ingressos disponibilizados gratuitamente para os alunos do Colégio Estadual Olavo Bilac, em São Cristóvão, a professora de Português Filomena Fernandes agarrou com as duas mãos o desafio e ficou surpreendida com o resultado que foi além do espetáculo apresentado no teatro Gláucio Gill em Copacabana.

A equipe de comunicação da Appai acompanhou os alunos no evento, e o que se pôde ver foi uma turma muito entusiasmada, pois foi criada anteriormente em sala de aula uma expectativa positiva em relação à peça e ao Lima Barreto. Na semana que antecedeu o evento, por exemplo, foi estudado o pré-modernismo, corrente literária à qual pertence o autor. Através do livro didático “Português Contemporâneo – diálogo, reflexão e uso”, que foi adotado pelos professores de Português e Literatura da escola, os alunos puderam ler um fragmento do livro “O triste fim de Policarpo Quaresma”, que coloca em evidência os fatos histórico-sociais presentes no dia a dia das experiências vivenciadas pelo autor. Na peça, os estudantes tiveram a oportunidade de perceber e relembrar tudo o que havia sido discutido e trabalhado em sala de aula sobre as dificuldades enfrentadas por Lima Barreto, como o preconceito e a indiferença, permitindo que fosse reconhecido como um autor detentor de um rico acervo literário e um ser humano igual a todos os outros. Todos foram unânimes em afirmar também que o texto da peça foi escrito com muita maestria.



Inspirado livremente na obra de Lima Barreto, especialmente em “Diário Íntimo” e “Cemitério dos Vivos”, o monólogo teatral reúne trechos de memórias impressas em suas obras, entrecruzadas com livre imaginação e texto fictício. A narrativa tem início logo após a morte do autor, quando eugenistas (termo criado em 1883 pelo antropólogo Francis Galton, significando “bem nascido”.) exigem a exumação do seu cadáver para uma autópsia, a fim de esclarecer “como um cérebro inferior poderia ter produzido tantas obras literárias – romances, crônicas, contos, ensaios e outros alfarrábios – se o privilégio da arte nobre e da boa escrita é das raças superiores?”. A partir desse embate com os eugenistas, a peça mostra as várias facetas da personalidade e da genialidade de Lima Barreto, sua vida, família, a loucura, o alcoolismo, sua convivência com a pobreza, sua obra não reconhecida, racismo, suas lembranças e tristezas.

Já no primeiro *feedback* após a peça, os alunos estavam eufóricos, de acordo com a professora de Português. “Depois de uma acalorada discussão, chegamos à conclusão de que a peça faz jus à memória de Lima Barreto e nos coloca de forma crítica

diante de um passado que ainda sentimos no presente. A herança escravocrata e colonial, que afetou tanto a vida quanto a obra de Lima Barreto, não poderia ser trazida à tona de forma mais contundente. O sofrimento que lhe foi impingido pela sociedade, o alcoolismo e a eugenia foram assuntos muito comentados pelos alunos, que ficaram chocados com as teses de caráter racial, uma questão que veio à tona durante a discussão, que continua dando suporte à discriminação. A trama é tão real que nos faz pensar que os eugenistas existem até hoje!”, ratifica Filomena.

De forma exemplar, Filomena trabalhou a peça sobre a vida de Lima Barreto de modo multidisciplinar: utilizando peça, texto e filme. Na primeira tarefa, os estudantes foram solicitados a



fazer em casa um relato dos momentos que vivenciaram durante todo o evento, incluindo também suas opiniões sobre o espetáculo e o que ele acrescentou de informação sobre o escritor, que eles ainda desconheciam, e também sobre o contexto histórico-cultural do Brasil, à época em que viveu. “Em aula, distribuí para os alunos o texto em prosa ‘Sua Excelência’ e pedi que fizessem duas tarefas relacionadas a ele: primeiro solicitei que eles recontassem e acrescentassem outras personagens e outros fatos aos da história, e depois que narrassem tudo de forma resumida, em um texto que tivesse de 30 a 40 linhas. Os alunos viram o filme ‘Triste fim de Policarpo Quaresma’, fizeram anotações e foi pedido que, após o recesso, produzissem um texto tecendo comparações entre a obra original e a adaptação cinematográfica assistida na escola”, relata Filomena.

Indagada sobre o incentivo da Appai de levar uma turma para assistir uma peça abordando um grande nome da literatura brasileira, a professora Filomena foi enfática. “A proposta da Associação foi maravilhosa! A parceria foi produtiva, pois o conteúdo trabalhado em sala de aula pôde ser revisto e complementado através da montagem de teatro. Além disso, eu acredito ser de suma importância para o aprendizado do aluno, para uma melhor fixação do conteúdo, que ele possa sair do limite de sala de aula, frequentar outros espaços que lhe permitam ter acesso a novas informações, através de outros contextos, outros olhares, outras leituras, com o uso de outras mídias, outras ferramentas. Percebo também que o aluno fica mais motivado, mais feliz quando recebe a proposta de adquirir conhecimento de maneira diversificada, o que também facilita o aprendizado. Nessas

ocasiões, há também a oportunidade de estimular o crescimento pessoal e favorecer uma melhor interação com os colegas”, enaltece Filomena.

Para as coordenadoras do Benefício Bom Espetáculo Simone Braga e Priscilla Pereira, a cultura em geral, e principalmente as artes cênicas, têm a capacidade de fazer as crianças e os jovens entrarem em contato com outras questões e ver as situações da vida com outros olhos, ou até mesmo penetrar na sua própria realidade mas com outras formas de vivenciá-la. “Este projeto é para estimular os professores a levarem os estudantes ao teatro e a desenvolver o diálogo e atividades posteriores sobre o tema tratado na escola. Mais do que lazer, a arte e a cultura podem ser grandes ferramentas de transformação da sociedade”, esclarece Priscilla.

Se você é associado e tem um projeto educacional envolvendo Arte e Educação, acesse o Fale Conosco e conte-nos sua proposta.  
[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

■ *Por Richard Günter*

**Colégio Estadual Olavo Bilac**

Praça Argentina, 20 – São Cristóvão – Rio de Janeiro/RJ

**CEP:** 20920-050

**Tel.:** (21) 2332-4761

**Turmas:** 2.008 / 2.009 / 3.005 - Ensino Médio

**Fotos:** Richard Günter

# SUMÁRIO

## 02 OPINIÃO

Educação para a democracia

O que nos une

## 08 INTERDISCIPLINARIDADE

Viajar sem sair do lugar

## 12 ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Construindo a Felicidade

## 22 SUSTENTABILIDADE

Escola consciente

## 30 GUIA HISTÓRICO

Museu Seleção Brasileira

## 44 FÍSICA

Descomplicando o ensino de Física

## 50 INTERDISCIPLINARIDADE

Resgatando a história

## 63 WEB

Rolou na Web

## CAPA

É essencial que adultos e educadores compreendam que a criança está sempre em desenvolvimento, e qualquer questão relacionada à igualdade, inclusão ou mesmo preconceito será apreendida positiva ou negativamente – Pág. 32



### O IBGE COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Saiba como utilizar o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para elaborar pesquisas entre a garotada



### FESTIVAL PATH

Um evento que reuniu gente inovadora, criativa e muita troca de experiências



### MAIS TEMPO PARA APRENDER

O programa "Novo Mais Educação" potencializa o desempenho educacional das turmas



+ mais  
**appai**

**A melhor forma  
de colocar a  
atividade física  
no seu dia a dia**



**ACADEMIAS**  
um convênio Appai e Gympass

Nº  
**18**



**COM O CONVÊNIO APPAI E GYMPASS,**  
você paga apenas um VALOR FIXO MENSAL para ter acesso ilimitado  
a diversas academias, de acordo com o plano/pacote escolhido.

Isso mesmo! Os valores da tabela são mensais, a partir de R\$ 14,90.

- O valor é debitado no seu cartão de crédito.
- Sem taxa de matrícula.
- Você pode usar uma academia diferente a cada dia, desde que todas façam parte do pacote que você escolheu.
- Parceria válida para todos os beneficiários, seus dependentes e/ou agregados.

**MUITOS ASSOCIADOS JÁ ESTÃO  
UTILIZANDO. OLHA SÓ:**



"Muito obrigada, Appai, por mais este apoio à nossa saúde. Agora, com o convênio com a Gympass, posso dar continuidade às aulas de pilates que iria interromper por fatores financeiros". - Maria Regina Tinoco, via facebook.

"Desfrutando do convênio da Appai com a Gympass. Orgulho de fazer parte da associação que valoriza e proporciona qualidade de vida aos professores!" - Elizabeth Le, via facebook.





## ASSISTÊNCIA JURÍDICA

### Como utilizar?

O associado e/ou beneficiário deverá comparecer ao Atendimento Presencial, na sede da Appai (Rua Senador Dantas, 117, sobreloja 211, Centro – Rio de Janeiro), dentro do horário de atendimento, onde requisitará a autorização para consultoria e assistência do benefício. Assim que for autorizado o atendimento, o associado e/ou beneficiário será encaminhado ao Jurídico. Lembrando que essa triagem é realizada no mesmo dia. Isso mesmo! Simples, rápido e de qualidade.

Para mais informações, acesse: [appai.org.br](http://appai.org.br).



**rádio appai**

a voz do professor

Além da programação que você já conhece, agora você pode conferir o quadro "Música em Pauta", o novo espaço da rádio no site da Appai. Acesse: [appai.org.br/lazer/radio-appai](http://appai.org.br/lazer/radio-appai).





## ASSISTÊNCIA FLEX DOMICILIAR

Já pensou chegar em casa e a chave quebrar na fechadura? Não se preocupe!

**Para imprevistos como esse, ligue:**  
**3003-5518** (capitais e regiões metropolitanas)  
ou **0800-770-0351** (demais regiões)



ASSISTÊNCIA FUNERAL

Ao seu lado quando você mais precisa!  
**0800-023-4600**



# VOCÊ PRECISA COMPARTILHAR ESSE AO VIVO!

---

Você já deve ter notado que o *boom* das redes sociais, atualmente, são as famosas *Lives*. Afinal, quem nunca recebeu uma notificação de transmissão ao vivo? Se você não tiver se ligado nessa, chegou a hora.



O nosso apresentador Luiz André Ferreira mostra como é fácil conversar com a gente e os nossos convidados especiais:

"Toda vez que entrarmos ao vivo você será notificado através de Facebook, Messenger, YouTube, SMS ou e-mail. Clique no *link*, assista o vídeo e compartilhe com seus amigos utilizando a *hashtag* #SouAppai. E ah, não esqueça de fazer quantas perguntas quiser, pois elas poderão ser respondidas ao vivo."

NOSSA PROGRAMAÇÃO		Q
	<b>APP AI AO VIVO</b> 1,5 mil 727 22	
	<b>ALTOS PAPOS</b> 9,3 mil 314 110	
	<b>GRANDE BAILE APPAI</b> 1,2 mil 04 15	
	<b>ENCONTRO DE EDUCAÇÃO</b> 24 mil 101 67	
	<b>OUTROS EVENTOS</b> 0 mil 101 27	

## MAS POR QUE COMPARTILHAR O AO VIVO DA APPAI?

- Todo professor sabe que conhecimento não se retém, se compartilha
- Convidados de referência
- Temas de seu interesse
- Se você marcar seus amigos escrevendo seus nomes nos comentários certamente vão gostar de serem lembrados por você



Qual temática você gostaria de assistir num próximo Appai ao Vivo? Envie sua sugestão para o e-mail [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br) e fique ligado nas nossas redes sociais.

# LA- ZER

- Boa Viagem
- Dança
- Bom Espetáculo
- Passeio Cultural
- Caminhadas e Corridas
- Rádio Appai

# EDU- CAÇÃO

- Educação Continuada Presencial
- Educação Continuada a Distância
- Revista Appai Educar

# SO- CIAL

- Assistência Flex Domiciliar
- Seguro de vida em grupo e de Acidente Pessoal Coletivo
- Assistência Funeral 24h
- Seguro Para a Cobertura de Algumas Doenças Graves
- Assistência Jurídica
- Serviço Social

# SAÚ- -DE

- Médico Ambulatorial Básico Coletivo
- Odontológico Ambulatorial Básico Coletivo

# P ROGRAMAS, ROJETOS & ARCERIAS

- Convênio Academias
- PPAS
- Programa Saúde 10

Apoio ao associado: (21) 3983-3200

Chat on-line: [appai.org.br](http://appai.org.br)

#### ATENDIMENTO PRESENCIAL:

Rua Senador Dantas, 117 – sobreloja 211 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20031-911

WhatsApp: (21) 99206-0464

Somente para dúvidas sobre 2ª via de boletos e informações sobre o quadro de profissionais colaboradores

